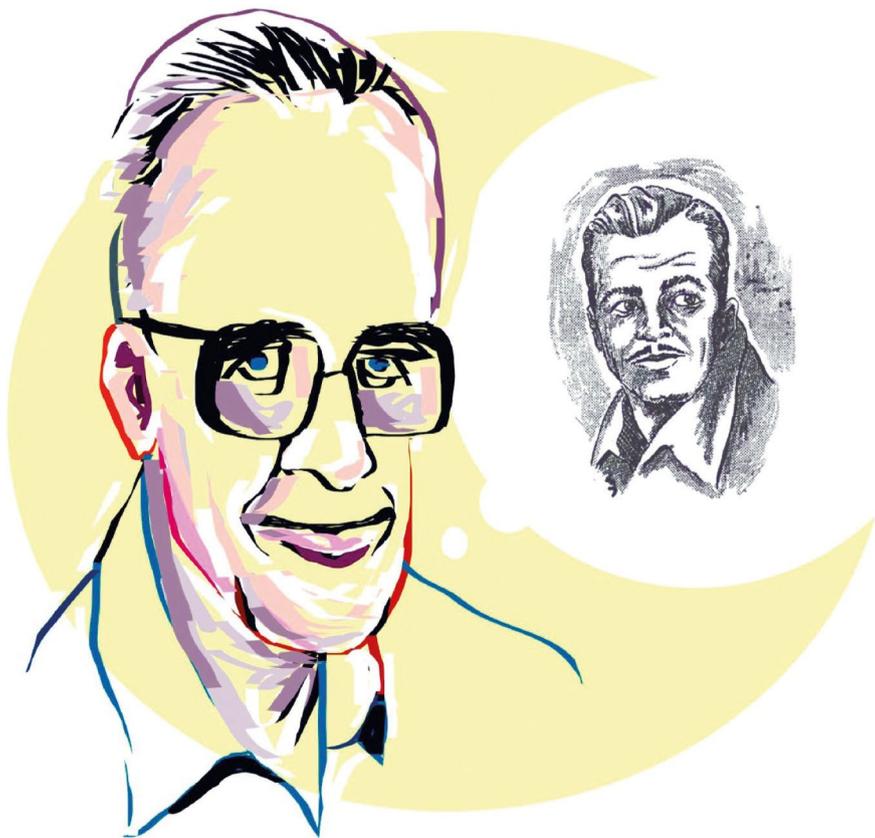


Gonçalo Junior

O inventor do **FANZINE**

Um perfil de Edson Rontani



Gonçalo Junior

O inventor do
FANZINE

Um perfil de Edson Rontani



Marca de Fantasia
Parahyba, 2022 - 2a edição

O inventor do Fanzine: um perfil de Edson Rontani

Gonçalo Junior

Série Quiosque, 41, 2a edição, 2022. 98p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Capa: Ilustração de Érico San Juan

Imagens: Arquivos do autor, Edson Rontani Júnior e Érico San Juan

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nilton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Waldomiro Vergueiro - USP
José Domingos - UEPB	

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-61-4

Para Edson Rontani, que começou tudo.
Sem ele, minha vida teria tomado o rumo
da mediocridade e eu me tornado um
péssimo médico.

Sumário

Prefácio – Fanzine e protagonismo	6
Apresentação	8
1. O leitor que virou desenhista	11
2. Preconceito contra as revistinhas	27
3. As aventuras de outro Nhô Quim	37
4. O boletim que virou fanzine	50
5. Colecionadores do Brasil, uni-vos!	60
6. A estrada aberta para os fanzines	71
7. Reconhecimento e partida	81
Epílogo	88
Posfácio	90
Agradecimentos e fontes	95
Sobre o autor	96

Fanzine e protagonismo

A utilização do fanzine como instrumento pedagógico, cada vez mais frequente, tem sido o desdobramento natural desse fantástico meio de comunicação. De publicação de fãs, em sua origem, o fanzine alcança muito mais que a função de passatempo e troca de informações, atinge sobretudo a liberdade de expressão, favorecendo o protagonismo de seus editores.

Embora os fanzines existam desde a década de 1920, nos Estados Unidos, sua disseminação pelo mundo se deu de modo gradual. No Brasil, sua origem assemelha-se a uma geração espontânea, já que não se tinha referências sobre essas publicações espalhadas pelo mundo.

Edson Rontani, em 1965 em Piracicaba, estado de São Paulo, foi o responsável pela proeza de dar origem aos nossos fanzines ao lançar o boletim *Ficção*, voltado à divulgação e análise das histórias em quadrinhos. Isso não foi pouco, levando-se em conta a falta de informação sobre esse tipo de publicação, o preconceito contra os quadrinhos e a precariedade dos processos de reprodução.

Foi a paixão pela arte que levou Edson a romper o isolamento em que vivia, por encontrar-se no interior do país e pela incompatibilidade etária, para a qual não caía bem continuar lendo quadrinhos após a puberdade. A atitude revolucionária de Rontani, antecipando o famoso lema punk “do it yourself”, tomou nas mãos a tarefa de garantir sua autonomia e promover com recursos próprios sua necessidade de comunicação.

Isso é uma história sabida no meio, mas que deve ser difundida além do círculo restrito dos leitores e editores de fanzines. A importância de seu feito e de sua obra vai além dos grupos de aficionados e deve servir de inspiração para as novas gerações de fãs, de

autoeditores, de irrequietos de todos os matizes e, principalmente de instrumento para dar voz a todos os que desejem tê-la.

Ao fazer 50 anos da criação do fanzine *Ficção*, Edson Rontani recebeu o caloroso tributo de Gonçalo Júnior, nesse perfil que redimensiona o lado humano e criativo do autor. Quadrinista, pintor, publicitário, Edson foi muito mais que um editor de fanzine, mas com a criação dessas pequenas publicações artesanais ele mostrou que não precisa de muito para se inserir na história sem restringir-se a mero espectador.

Gonçalo, eu e tantos outros autores e editores temos nos fanzines um dos mais estruturantes elementos de nossa carreira artística e profissional, com autonomia, liberdade e criatividade. Por tudo isso, este livro é um pequeno gesto de gratidão e carinho ao pai de nossos fanzines, Edson Rontani.

Henrique Magalhães

Apresentação

Nunca conheci pessoalmente Edson Rontani. Nem ao menos falamos por telefone. Mas trocamos correspondências por alguns bons anos. Ele em Piracicaba; eu, em Salvador. E desses contatos regulares resultou, em agosto de 1991, uma longa entrevista que fiz com ele, mas que acabou por permanecer inédita nas mais de duas décadas seguintes.

Na época do nosso papo, quando Edson tinha 58 anos de idade, eu queria, de fato, escrever algo sobre seu pioneirismo como editor de fanzines. Não me recordo como imaginei que faria isso. Mas, creio, sairia no fanzine *Balloon Quadrinhos*, que eu editava com dois colegas nos tempos da faculdade de jornalismo da UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Em minhas pesquisas, não havia encontrado nenhuma publicação anterior nesse formato, semelhante à sua, mesmo em outros segmentos – como música e cinema, por exemplo. Portanto, sempre acreditei que Edson Rontani foi mesmo o pai do fanzine no Brasil. Um fato, aliás, que todos os pesquisadores comprovaram antes e depois de mim – esse me parece um assunto consumado.

O artista piracicabano concebeu um zine (contração carinhosa do termo fanzine) inaugural, mas que, de imediato, estabeleceu os moldes definitivos do que se faria nas décadas seguintes – esse gênero de imprensa havia surgido nos Estados Unidos no ano de 1930, como se verá a seguir.

Em sua origem, determinou ele, deveria ser uma revista para fãs de histórias em quadrinhos, com reportagens, artigos, perfis, entrevistas e classificados para venda, compra ou troca. Um “jornalzinho”, como o seu *Ficção* foi chamado durante muito tempo.

Muitos outros surgiram a partir de 1968 e, principalmente, na década de 1970, com algumas variações.

Esses foram anos de consolidação, com uma infinidade de títulos lançados por todo o país, mas, ainda, com limitações editoriais e gráficas, em especial pelo custo elevado das impressões e as baixas tiragens – de 500 exemplares, no máximo. Tanto que parte expressiva dos títulos era “rodada” em mimeógrafo a álcool, o que dificultava a reprodução de imagens – capas, histórias e fotos, por exemplo.

Edson Rontani ainda fazia fanzines quando uma outra realidade surgiria na primeira metade década de 1980, tempo que essa forma de comunicação em diversas áreas – quadrinhos, música, poesia, literatura etc. –, viveu seu mais importante momento, antes do advento da Internet, a partir de 1995.

Parte desse fenômeno se deve à facilidade de se imprimir de forma rápida e com qualidade melhor, a partir da chegada ao mercado de copiadoras xerox, com cópias de melhor qualidade e mais baratas e a capacidade das mesmas de ampliar ou reduzir as imagens, fundamental para um melhor resultado.

Tanta praticidade, no entanto, não evitou que muitos editores deixassem de produzir esses pequenos jornais ou revistas, principalmente por causa da crise inflacionária que afetou o país a partir de 1985 e se estenderia até 1994, quando foi criado o plano real e a moeda brasileira se estabilizou.

Nesse contexto, o nome de Edson Rontani foi mitificado e virou lenda entre editores e leitores, além de colecionadores de gibis e pesquisadores dessa forma de imprensa tão espontânea, primitiva, instintiva e libertária.

Não me recordo quando começamos a nos comunicar. Mais provável que eu o tenha procurado, interessado em conhecer sua publicação. Sempre gentil e prestativo, ele foi acolhedor com meus fanzines, em especial, o de maior longevidade, o *Quadri-*

nhos Magazine, que teve duas séries e onze números lançados. Agora, nossa entrevista serve de base para este pequeno livro.

Nesta despretenhosa biografia, cujo tamanho limitado pode ser confundido ou visto como um perfil, meu esforço foi restaurar a trajetória desse múltiplo artista. E homenageá-lo, com ênfase na importância que teve para a imprensa alternativa brasileira.

Boa leitura.

I O leitor que virou desenhista

As origens familiares de Edson Rontani remontam à chegada de seus avós paternos e maternos ao Brasil, vindos da Itália, na última década do século XIX. Nessa época, era intensa a vinda de europeus para a América do Sul, em fuga da miséria que devastava o continente. Ambos os casais migraram em busca de oportunidades de sobrevivência e se estabeleceram na cidade de Piracicaba, no noroeste do estado, a 164 quilômetros da capital paulista.

Desde que passou a ter um ponto de parada ferroviária da Companhia Ituana de Estradas de Ferro, que a ligava a Itu e a Jundiaí, via Capivari e Indaiatuba, a partir de 1877, a localidade se tornou ponto de estabelecimento de grande fluxo de imigrantes europeus, principalmente italianos. Nesse mesmo ano, aliás, por seu então vereador e futuro presidente da República, Prudente de Moraes, o município trocou o nome de Vila Nova da Constituição, dada pelos portugueses, para Piracicaba, por causa do rio que cortava seu território.

Quem deixou o chamado Velho Mundo e ali se estabeleceu, não se arrependeu, pois a prosperidade chegou para a maioria de seus moradores nas primeiras décadas do século XX. Como aconteceu nos casos dos avós de Edson, que trabalharam duro até encontrar condições dignas de tocar a vida e dar conforto a seus filhos. E não precisaram de muito tempo para isso, pois, no ano de 1900, Piracicaba já tinha se firmado como um dos maiores polos de desenvolvimento do estado de São Paulo.

Havia se tornado a quarta maior cidade do estado, atrás de São Paulo, Ribeirão Preto e Campinas, com um serviço público

de luz elétrica e de iluminação das ruas. Nessa época, ganhou até serviço de telefone, até então um luxo de cidades maiores. Também ganhou destaque na educação quando, nas terras doadas por Luiz Vicente de Sousa Queiroz, começou a construção da futura Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (USP). Em 1922, ganhou mais um reforço para escoamento da sua produção, um ramal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

O pai de Edson se chamava Giuseppe Rontani, mas, por causa de um erro do escrivão na hora de fazer a certidão de nascimento, que pareceu não entender a pronúncia, se tornou Guilherme. E assim ficou, para sempre. Ele nasceu em Piracicaba e era filho de Carlo Rontani e Cesira Pardini Rontani, italianos nascidos na cidade de Lucca, região de Toscana, centro-norte da Itália e que depois abrigaria um dos mais importantes festivais de histórias em quadrinhos do mundo.

A mãe do futuro editor e cartunista era a piracicabana Maria Sartini Rontani. Ela veio ao mundo da união entre Vittorio Sartini e Regina Marcatti Sartini, também italianos, porém da cidade de Pádua, região de Veneto, norte da Itália.

Guilherme nasceu em 11 de fevereiro de 1900 e faleceu em julho de 1970. Maria foi dada à luz no dia 19 de setembro de 1901 e morreu em 7 de abril de 1982. Eles tiveram dois casais de filhos. O primeiro deles era de gêmeos: Milton e Rute. Depois, veio a menina Edne e, por último, Edson, que deu o primeiro choro em vida em algum momento do dia 23 de março de 1933.

O sustento da família vinha da atividade de Guilherme como marceneiro. Fazia muito bem o seu trabalho de construir todo tipo de móveis e tinha orgulho disso – por toda a vida, decorou com suas peças um bom número de residências de sua cidade. A excelência do que construía com madeira de lei de primeira, fez

com que nunca lhe faltasse clientela. Mas a produção era lenta e o dinheiro rareava para suprir tantas bocas.

Mesmo assim, o marceneiro dava uma vida de dignidade à esposa e às crianças, pois nada faltava à mesa. Sonhava que um dos filhos desse continuidade ao ofício e ensinou ao caçula. “Meu pai tinha habilidade imensa com madeira, tanto em entalhe quanto pirografia e emolduramento das telas a óleo que ele mesmo pintava”, recordou Edson Rontani Junior, ao comentar a tradição familiar de passar os ensinamentos para o próximo descendente.

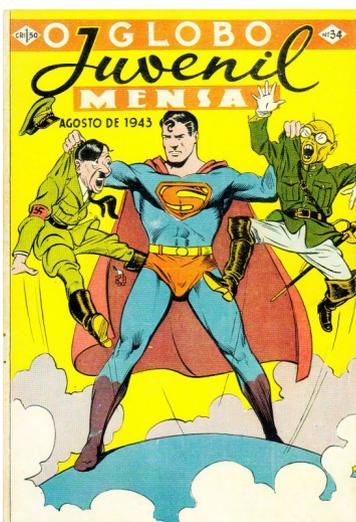
Em seu livro *Nhô Quim – As histórias que eu conheço*, Rontani Junior conta que as recordações que o pai guardou da infância eram fragmentadas e pouco definidas em suas memórias. Mesmo assim, passou-lhe tudo que lembrava. Aos sete anos, em 1940, por exemplo, quando o Brasil ainda não tinha entrado na Segunda Guerra Mundial – o que só aconteceria em 1942 –, ele mostrava interesse em desenhar e divagava ao rabiscar imagens durante as aulas escolares ou nas horas vagas em sua casa.

Essas páginas amareladas, aliás, seriam guardadas pelo menino e conservadas pela família após sua morte. “Indicavam o caminho de um desenhista promissor, criador de um dos maiores ícones do século passado na cidade de Piracicaba”, observou Edson Junior. Foi um tempo em que ele ainda não tinha tido contato com as histórias em quadrinhos. Eram mais exercícios estimulados pela professora dos anos de alfabetização.

Em parte por causa da paixão em compor figuras no papel, a vida de Edson, desde os primeiros anos, estaria ligada do começo ao fim a um fenômeno da cultura de massa que ainda engatinhava no Brasil durante a sua infância: as revistas em quadrinhos. Por coincidência, ele nascera em 1933, mesmo ano em que o jornalista Adolfo Aizen (1907-1991) fez uma viagem histórica à Feira Mundial de Chicago, nos Estados Unidos, como assessor de imprensa do Touring do Brasil.

A ideia era aproximar culturalmente os dois países – por isso, foram levados em um luxuoso navio nada menos que 150 “notáveis”, entre empresários, artistas e jornalistas. Aizen descobriu e se encantou com os suplementos diários dos jornais americanos e trouxe a ideia para o Brasil. Convenceu o dono do jornal *A Nação*, o coronel João Alberto Lins de Barros, a encartá-los a partir de março de 1934 e a publicação se tornou um sucesso.

Segundo o editor, a tiragem do jornal pulou de 20 mil para 80 mil às terças, quando circulava o caderno para crianças, o *Suplemento Infantil*, que deu origem ao *Suplemento Juvenil*, criado em junho do mesmo ano e que marcou o início da indústria dos quadrinhos no país, com títulos exclusivamente dedicados ao gênero.



Imagens 1 e 2. *O Globo Juvenil* e *Gibi* ajudaram a consolidar os quadrinhos no país

Assim, no momento em que o pequeno Edson teve contato com uma publicação em quadrinhos pela primeira vez, aos dez anos de idade, em meados de 1943, as revistinhas estavam estabelecidas no mercado com três grandes editores atuando no seg-

mento: Aizen (*Suplemento Juvenil* e *O Lobinho*), Roberto Marinho (*O Globo Juvenil* e a série *Gibi*) e Assis Chateaubriand (*O Guri*) – os dois últimos, aliás, tornar-se-iam os maiores empresários de comunicação do país no século XX, com suas cadeias de jornais, rádios e emissoras de TV.

O mundo estava em guerra e o pequeno Edson vibrava com os heróis e super-heróis de papel. Brilhavam, então, Capitão América e Tocha Humana, que saíam nas páginas do *Gibi Mensal*, principalmente. Naquele tempo, lembrou ele em uma entrevista inédita de 1991, não havia bancas de revistas e jornais espalhadas pela sua cidade, como aconteceria a partir da década de 1970. Existia apenas uma distribuidora de revistas e jornais chamada Agência Campos, que ficava na Rua Prudente de Moraes, no centro da cidade.

Os jornais e revistas eram vendidos por jornaleiros que ali passavam diariamente, bem cedo, para retirar suas cotas e pagar as vendas do dia anterior. Eram principalmente meninos adolescentes e adultos de pouca instrução e origem humilde, que saíam pelas ruas da cidade, batendo de porta em porta, oferecendo todo tipo de publicações – revistas femininas, semanais, sobre cinema, rádio etc. A maioria tinha clientela fixa para os títulos que levavam. “Naquele período, a cidade parecia pequena. Então, isso era permitido, ou melhor, deixava tudo mais fácil”.

Perto da casa dos Rontani havia um menino negro de família humilde que ajudava nas despesas de casa como jornaleiro. Seu apelido: Negão. Ele vendia jornais, revistas e gibis, do nascer ao pôr do sol. Um dia, ofereceu a Edson uma revistinha de 32 páginas chamada *Mirim* pela metade do preço. Explicou-lhe que havia ali ótimas histórias de aventura, tão empolgantes quanto as que ele via nos seriados semanais mostrados nos cinemas. *Mirim* custava 40 centavos e Negão o ofertou por 20 centavos.

O menino não teve a curiosidade de saber por que o desconto tão expressivo de 50%. “Só mais tarde é que percebi que se trata-

va de uma revista encalhada”. Explica-se. “O sistema de vendas de antigamente estabelecia que os distribuidores se viam obrigados a ficar com todas as revistas mesmo as que encalhassem. Então, vendiam as sobras por qualquer preço”.

Ele jamais saberia o nome de batismo de Negão, um personagem que seria, sem se dar conta, muito importante em sua vida. Por um bom tempo, tudo que Edson podia comprar dele eram encalhes de gibis antigos. Assim, o jornalista saberia a quem destinar o que sobrasse das populares revistinhas em quadrinhos. Em especial, *Mirim*, que circulava desde o dia 16 de maio de 1939, quando Aizen mandou o primeiro número para as bancas.

Aquela não era uma revista qualquer com quadrinhos de aventura do ponto de vista histórico. Tratava-se do primeiro *comic-book* nacional – isto é, a primeira revista em quadrinhos, pois, até aquele momento, as histórias em arte sequencial saíam apenas em jornais no formato tabloide, chamados de suplementos, e no rodapé de grandes diários, geralmente, na página 2.

Para coordenar o novo formato de publicação, Aizen convidou o jornalista e futuro embaixador Luiz Almeida Nogueira Porto, que ocupou o cargo de primeiro secretário de redação. No início, *Mirim* tinha circulação semanal ao preço de trezentos réis – mesmo valor do *Suplemento Juvenil*, que o próprio Aizen editava. A moeda, então, era réis e mudaria para cruzeiro em 1942, embora as pessoas continuassem por um tempo chamando-a pelo nome antigo.

Logo a revistinha passou a sair às quartas e aos domingos. Após edições extras sem numeração, conhecidas como *Mirim Meio-de-mês*, a editora lançou *Mirim Sextaferino* – que, obviamente, saía às sextas-feiras. Essa coleção também não foi numerada e sua edição inicial saiu em 28 de julho de 1939.

Na esteira da receptividade de *Mirim*, Aizen criou mais um título de êxito com a mesma marca – *Mirim Mensal*. Toda a série *Mirim* que veio a seguir, no decorrer dos anos de 1940, fez tan-

to sucesso que deu origem à famosa *Biblioteca Mirim*, “a mais graciosa biblioteca de aventuras para jovens e crianças”, como anunciou o editor em suas publicações.

A coleção teve 31 volumes, editados em tamanho de bolso, com 9 por 11 centímetros e capa dura. Começou com uma coletânea de histórias de Dick Tracy. Seguiram-se outros não menos famosos heróis do *Suplemento Juvenil*: Flash Gordon, Mandrake e Buck Rogers. E clássicos infanto-juvenis (Pinóquio, O Pequeno Polegar e A Ilha do Tesouro). Tudo isso, no entanto, estava distante do universo de Edson, em 1943, que desconhecia praticamente todos esses títulos.

Eram tempos mágicos para as crianças e os adolescentes de boa parte das cidades brasileiras, que tinham à sua disposição como entretenimento, as novelas radiofônicas de aventura, os seriados exibidos nos cinemas todas as semanas nas matinês e, claro, as revistas em quadrinhos. Edson perceberia depois que foi um privilegiado por sua geração ter vivenciado tudo isso pela primeira vez. “No meu tempo de infância, a era de ouro dos gibis, nos anos de 1940, a gente encontrava todos os dias duas revistas novas, ou mais, no jornaleiro”.

As segundas, quartas e sextas-feiras, recordou Edson, com impressionante memória, circulavam o *Gibi* e *Mirim*. As revistas trissemanais com histórias em série. Às terças, quintas e sábados saíam *Suplemento Juvenil* e *O Globo Juvenil*, tabloides com histórias em série. “Aos domingos tínhamos o *Mirim Dominical*, com histórias completas”, ressaltou ele.

A festa dos meninos – faixa de público a quem eram dirigidos os quadrinhos – não acabava aí. A cada 15 dias saíam as revistas mensais de 100 páginas e com histórias completas. Dentre os títulos, *Gibi Mensal* e *Globo Juvenil Mensal*, ambas edições do jornal *O Globo*; e as revistas da Empresa Gráfica O Cruzeiro, o *Guri Cômico* e *Guri Mensal*.

Todos os meses, no mesmo gênero, circulavam ainda *O Lobinho*, *Mirim Mensal*, *Suplemento Juvenil Mensal*, *O Tico-Tico* e *Estrela*. Edson guardou todos na memória. E ressaltou: “Nos finais de ano, circulavam aqueles preciosos almanaques encadernados de capas duras com grande número de páginas: *Edição de Natal de Gibi*, *Almanaque de O Globo Juvenil*, *Almanaque de O Tico-Tico*, *Almanaque de Vida Juvenil* e *Almanaque de Vida Infantil*”.

A cada ano, com o mercado aquecido e as tiragens se superando mês a mês, à medida que as editoras ampliavam seus serviços de distribuição e novas levas de consumidores eram conquistadas, saíam mais e mais especiais das revistas em série. Elas circulavam “de vez em quando”, como lembrou Edson, em conversa com o editor Henrique Magalhães.

Como a *Coleção Gibi*, semelhante à *Biblioteca Mirim* e diversos álbuns, e outras publicações. Difícil era conseguir levar ao menos algumas para casa, como era seu caso. E ele voltou a ressaltar: “Precisava-se de muito dinheiro, justamente o que faltava para a gente na infância. Era comum na época um amigo emprestar revistas a outro. Às vezes, a revista ia não voltava mais”. E assim ele se refugiava em mundos alternativos, cheios de heróis que não davam chance para os vilões.

Ao longo de dois anos, com as moedas contadas, o contato de Edson com os quadrinhos se limitava às páginas de *Mirim*, cujas histórias eram de continuação, ou melhor, em série. Assim, a cada duas páginas o leitor se deparava com um herói diferente. A revista circulava às quartas, sextas e domingos, o que exigia uma boa soma em dinheiro para quem quisesse acompanhar as tramas.

Foi um espanto quando ele a leu pela primeira vez. “Eu nunca tinha visto uma revista daquela na minha vida até aquele momento. Os únicos quadrinhos que eu lia era uma tira cômica que saía no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, que meu pai comprava à noite,

às 22 horas, quando o trem de São Paulo chegava à Piracicaba e os jornaleiros desciam a rua que eu morava oferecendo jornais”.

Se dormisse cedo, a diversão ficava para o dia seguinte. Antes que seu pai jogasse a edição fora, ele recortava com tesoura e colava as sequências em folhas de papel pautado. Era pouco, mas o suficiente para deixá-lo bastante impressionado e feliz com os personagens que conseguia acompanhar. “Imagine, ler um jornal na hora de dormir. Mas eu fazia isso. *A Gazeta* era um vespertino e só saía em São Paulo às 2 horas da tarde, e o trem chegava aqui às 10 horas da noite”.

Do que se tratava, enfim, a tira que saía na publicação? Edson não se esquecia do nome: o professor Nimbus e suas atribuladas aventuras. O personagem era de origem francesa e seus quadrinhos nunca traziam textos. Muito popular na Europa na época, ele era um professor elegante e distraído, criado pelo cartunista André Daix, em 1934. “Eu me divertia com aquela tira e desconhecia completamente que já existia gibis”.

Assim que entregou as moedas a Negão e pegou seu primeiro número do *Mirim*, o pequeno Edson correu para casa, excitado pela curiosidade. Queria ler logo aquelas histórias, com bem mais quadrinhos que o jornal publicava. “Que bacana! Era uma leitura avançada, só ilustrações e não como aqueles livros cheios de letras cansativos que tínhamos de ler e imaginar como eram os personagens”.

No *Mirim*, recordou ele, os heróis que mais despertaram seu interesse foram, em primeiro lugar, Zé Cuíca, personagem humorístico brasileiro criado por Francisco Borelli Júnior, com desenhos de Archibaldo Ribeiro, dois artistas brasileiros que buscavam um lugar ao sol. Depois, vieram Mutt e Jeff, escrito e desenhado por Bud Fisher. Apareciam nesse mesmo *Mirim*, Tarzan, desenhado por Rex Maxon; Gato Félix; Cavaleiro Azul; Robin Hood; Aninha; Rutinha; Lindinha; e outros que não se recordaria depois.

Foi amor à primeira vista com o *Mirim* e, como muitos garotos da sua idade, Edson ficou viciado em histórias em quadrinhos. “Não sei, mas esse negócio de a gente gostar de uma coisa e se dedicar a ela é psicológico. Aos dez anos, fiquei siderado nas histórias em quadrinhos”.

Os pais, que não tinham crescido com aquele tipo de leitura, pareciam não compreender porque tanto interesse. Para Edson, não existia outra coisa melhor do que adquirir e ter as aventuras do *Mirim*. “Mas, nem por isso, eu deixava de ver e passar as mãos nas belas pernas das meninas vizinhas de minha casa”.

A partir desse momento, ele não comprava mais sorvetes com os trocados que ganhava. O prazer, então, virou rotina. “Todos os dias, eu adquiria um exemplar atrasado do *Mirim* por 20 centavos”. E, desse modo, foi se tornando um colecionador, pois as histórias eram em série e os leitores guardavam as revistas para ver o próximo capítulo.

Os meses correram e o monte de “Mirins” foi aumentando. Lia com zelo e guardava tudo. Mesmo assim, Edson ainda desconhecia outras revistas que circulavam na época. “Eu nem sabia que existia uma agência distribuidora de revistas em Piracicaba e minha única relação com os quadrinhos se limitava a meu contato com Negão”.

Conhecia apenas o *Mirim*, porque tinha muito encalhe, enquanto que o *Gibi*, nos mesmos moldes, vendia muito mais, pois tinha melhores histórias, ele descobriria depois. Até que, precisamente em outubro de 1943, o menino viu o irmão mais velho de um amigo que morava defronte à sua casa lendo um *Gibi Mensal* – “novinho, estalando, com 100 páginas e só histórias completas”.

Aquele era o nº 34 e em suas páginas, que cheiravam a tinta da gráfica, estreava o Capitão Marvel, que aparecia em destaque na capa. Edson achou aquilo sensacional demais, vibrante, empolgante! Sem dúvida, tinha diante de seus olhos uma imagem que parecia ganhar movimento no papel e que trazia grande im-

pacto. “O rapaz nem deixou que tocasse naquele exemplar, pois estava novinho em folha”.

Permitiu, porém, que olhasse a capa a certa distância, contido por um braço esticado. “Um gibi grosso e só com histórias completas era de enlouquecer qualquer um! Queria meu exemplar com urgência”. Mas ficou desapontado quando olhou o preço! Custava nada mais nada menos do que Cr\$ 1,50 – um cruzeiro e cinquenta centavos! Ou seja, o equivalente a quase oito números do *Mirim* vindos do encalhe.

O menino foi tomado por uma mistura de ansiedade e quase desespero. Queria muito aquela revista. Mas, como adquiri-la se a sua mesada era de apenas 20 centavos por dia? Ele levaria nada menos que oito dias para juntar a quantia necessária, além de correr o risco de não encontrar mais um exemplar à venda.

O irmão do amigo lhe informou o lugar onde ficava a Agência Campos, uma espécie de templo da perdição onde se vendia gibis, revistas e jornais. “Foi um sufoco os dias que se seguiram ao meu encontro do *Gibi Mensal* nº 34. Sonhava toda noite em ter nas mãos aquele volume com histórias do Capitão Marvel, super-herói que eu já tinha assistido na matinê do cinema, no seriado com Tom Tyler.”

Só havia um jeito: pedir aos pais um aumento urgente na mesada diária, que recebia para pagar o lanche na escola. De tanto insistir, foi atendido pela mãe, que controlava o orçamento da casa com rigor. Os vinte centavos passaram para trinta centavos no dia seguinte. A angústia de Edson, assim, seria reduzida para cinco dias. Sorvete, nem pensar, pois custava justamente 20 centavos.

Nada também de doces na padaria ou na cantina do colégio. “Só ficava vendo nas vitrines aqueles manjares, cocadas e nada de comprá-los. Para que alguém não passasse às mãos nos meus míseros centavos, sabe o que fiz? Enterrei-os, diariamente, sob uma goiabeira que havia no fundo do quintal da minha casa”. Passa-

ram-se, por fim, os longos e quase intransponíveis cinco dias e ele completou a quantia suficiente para ter o seu *Gibi Mensal* nº 34.

Tão logo amanheceu, ele vestiu a farda, tomou o café da manhã e pegou a moeda com a mãe. Correu para o quintal. “Era felicidade demais! Desenterrei as quatro moedas de 30 centavos – que seriam completadas com as que acabara de receber de minha mãe. Saí em desembaladas passadas pela calçada. A Agência Campos ficava distante de minha casa umas dez quadras”.

Quando chegou no meio do caminho, Edson parou para certificar se estava tudo certo com o dinheiro. “E vi que só tinha quatro moedas de 30 centavos nos bolsos. Que desespero! Formavam só Cr\$ 1,20”. Voltou aflito e mais veloz ainda. Entrou sem freios em casa e cruzou a sala e a cozinha, até chegar ao quintal. A mãe não entendeu, mas nada disse.

Com as mãos e unhas ainda sujas de terra, removeu o solo e encontrou a moeda que faltava. “Corri... corri... Cheguei na Agência Campos suando em bicas!!! Pedi ao dono da agência um exemplar do *Gibi Mensal* que tinha o Capitão Marvel na capa”. Para sua frustração, porém, o atendente lhe disse que a edição havia se esgotado no dia anterior. “Mas acabou de chegar agora mesmo *O Globo Juvenil Mensal*, de outubro. Quer levar um?”, perguntou o rapaz a ele.

O menino não pensou duas vezes. “Fazer o quê? Comprei-o, pois custava também Cr\$ 1,50 e era igualzinho ao *Gibi Mensal*, com 100 páginas e histórias completas, só que tinha outros heróis”. Não conhecia nenhum, claro. Logo percebeu que não havia problema nisso. Pelo contrário. Em casa, viu que *O Globo Juvenil Mensal* vinha da mesma fonte, isto é, a editora de *O Globo*, que tinha como diretor Roberto Marinho.

E adorou tudo que leu. “Fiquei contente com esse *O Globo Juvenil Mensal*, que trazia na capa o Super-Homem com uma águia no braço. Uma beleza! Quantos heróis havia ali, naquela ines-

quecível edição, que eu desconhecia: Tocha Humana, O Ciclone e muitos outros. Li, reli, tri-li e muito mais”.

Edson não se esqueceria depois, também, que, na última capa interna, eram anunciados os heróis que iriam aparecer no próximo número do *Gibi Mensal*. Descobriu, assim, que a revista circulava nos primeiros dias de cada mês e *O Globo Juvenil Mensal*, na segunda quinzena. Desse modo, poderia se programar para juntar dinheiro e ao menos comprar uma mensalmente.

Pelos anúncios das duas revistas que passaria a acompanhar, o pequeno leitor de Piracicaba conheceria o que chamou de a engrenagem das editoras: os dias em que saíam as revistas a partir das informações que vinham na página três de cada edição. Saberá também, pelos rodapés, os dias em que circulava o tabloide trissemanal *O Globo Juvenil* e a revista *Gibi Trissemanal*, que Edson demoraria a ter em mãos.

Ele descobriria ainda, em pouco tempo, que havia três editoras que mais publicavam quadrinhos e todas tinham a sua sede no Rio de Janeiro. A primeira era O Globo. A empresa A Noite, que comprara todos os títulos de Adolfo Aizen. E a gráfica e editora O Cruzeiro.

Quase meio século depois, Edson lembraria com pesar sobre suas aventuras e desventuras como leitor e colecionador de quadrinhos: “Sabe, na minha infância e na minha juventude, eu nunca consegui um exemplar daquele *Gibi Mensal* nº 34, com data de outubro de 1943”. Mas jamais desistiu de procurá-lo junto a colecionadores locais e de São Paulo, cidade que visitava de vez em quando, atrás de jovens que juntavam revistinhas como ele.

A edição virou quase uma obsessão em sua vida. Só em 1966, quando tinha 33 anos de idade, que conseguiu comprá-lo, por intermédio de um colecionador da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, graças ao intercâmbio de cartas que ele criou, como se verá adiante. Hoje tenho dois exemplares”, contou, orgulhoso, em entrevista de 1991.

Antes de adquirir a primeira cópia, Edson chegou a colocar anúncios em jornais de Piracicaba no ano de 1963 e não deu em nada. “Oferecia muito dinheiro”. Afinal, algumas pessoas tinham comprado os exemplares que chegaram na cidade na época do lançamento inclusive aquele último, que bem poderia ter sido seu.

Mas a história de sua vida ainda teria outros bons momentos naquele agitado ano de 1943, em que os pracinhas brasileiros lutavam nos campos da Itália, na Segunda Guerra Mundial. No final do ano, Edson conheceu um menino que tinha quase a mesma idade dele – o caçula dos Rontani era um ano mais novo – e que também se mostrou fanático pelas revistas de histórias em quadrinhos. Os dois começaram uma amizade que duraria por toda a vida.

Seu nome: Oswaldo de Andrade, um quase homônimo do famoso escritor modernista paulistano. Os dois estudavam no mesmo Grupo Escolar, só que Oswaldo era um ano mais adiantado. Eram quase vizinhos, apenas um quarteirão os separava. Nessa época, Edson morava na Rua da Boa Morte e Oswaldo, na Dom Pedro, região central da cidade, em frente à Sociedade Italiana de Piracicaba e perto do Mercado Municipal.

O garoto era filho do chefe da estação de trem, um cargo não só de status como o mais bem remunerado da companhia na cidade. “Sem dúvida, tínhamos uma posição financeira melhor que a maioria das famílias da vizinhança e eu podia comprar mais revistas e ver mais filmes que Edson. Era uma pena porque podíamos nos divertir mais juntos”. Quando o amigo podia ou sobrava algum dinheiro, ele e Oswaldo iam ao Cineteatro São José, no centro.

Quarta e sexta tinham sessões de aventura e as matinês de domingo à tarde quase sempre apresentavam seriados de heróis fantasiados ou não, que os meninos adoravam, como Fantasma, Mandrake, Jim das Selvas e Batman. Por intermédio do parceiro, Edson pôde conhecer praticamente todas as publicações que circulavam na primeira metade da década de 1940.

Oswaldo contou que a aproximação entre eles se deu a partir de brincadeiras de rua tão comuns entre vizinhos. Edson lembrou: “Eu devia ter oito para nove anos quando nos aproximamos. Nós dois e muitos outros garotos adorávamos brincar de faroeste e jogar bola na rua”. Foi uma grande amizade que permaneceria inabalável pelos 50 anos seguintes, até que a morte os afastasse.

Futebol não era o forte de Edson. “Os meninos, meus companheiros de infância, não davam muita bola para os gibis, gostavam mesmo era de jogar o futebol. Eu também pertencia àquele time infantil da nossa rua, mas era um péssimo jogador. Só participava da pelada quando sobrava um lugar, mas eu quase sempre permanecia na ‘cerquinha’, assistindo aos jogos”. Na verdade, ele integrava o time apenas porque não tinha outro divertimento na cidade, pois, confessou, nunca teve afinidade com futebol.

O negócio de Edson era mesmo ler gibis e desenhar – hábito anterior à descoberta das revistas em quadrinhos, como já foi dito. Admirava os traços e os estilos dos desenhistas de gibis, que eram 99% americanos, como recordou depois, sem qualquer exagero.

As únicas editoras que deram oportunidade aos desenhistas brasileiros foram as de Adolfo Aizen e Roberto Marinho, nas páginas do *Suplemento Juvenil* (Fernando Dias da Silva, por exemplo) e *O Globo Juvenil*, que tinha entre seus colaboradores Nelson Rodrigues – o mesmo que viraria escritor e dramaturgo –, e o ilustrador Alceu Penna, nas páginas de *O Globo Juvenil*. “Eu já fazia revistas à mão, com histórias em quadrinhos. Isto, em 1944. Nas folhas de caderno da escola eu esboçava historietas de heróis, que a gente criava e emprestava aos colegas do grupo escolar para que lessem.” Sem nada cobrar, claro.

Enquanto fazia essas primeiras experiências como candidato a desenhista, o determinado e disciplinado Edson não se desgrudava de Oswaldo de Andrade, que tinha uma “imensa” coleção de

gibis. Além do pouco dinheiro, era difícil a gente comprar gibis porque havia títulos demais, impossível acompanhar tudo”.

Mas Oswaldo conseguia. Toda semana, usava sua mesada para adquirir pilhas de revistinhas. Então, nos anos de 1944 e 1945, no final da guerra, ele os emprestava gentilmente ao amigo. “Com isso, a minha coleção se manteve pequena, pois comprava um ou outro gibi, assim mesmo, já usado ou encalhado”.

Um momento inesquecível para ele aconteceu em dezembro de 1944: apareceu na Agência Campos a primeira edição de Natal do *Gibi*, com 300 páginas e capa dura de papelão. “Coisa de louco. Durante semanas e semanas, eu namorei essa edição que ficava dependurada na porta do distribuidor. Trazia um preço que a gente não tinha condição de comprar. Parece-me que eram Cr\$ 8,00. Imagine, um gibi de 100 páginas custava Cr\$ 1,50 e já não dava para comprá-lo, como adquirir uma edição desse que custava quase seis vezes mais?”

O seu consolo era namorar a capa até que Oswaldo a comprasse. “No começo do ano de 1945, ele me emprestou a tão sonhada Edição de Natal do *Gibi*. Quantos heróis e algumas histórias coloridas eu pude ler com enorme prazer”. Aquela “revistona” apresentava, entre outras atrações, Trinca do Terror, Homem Espelho, Príncipe Submarino, Tocha Humana, Capitão Marvel, Os Aventureiros etc.

Assim, Edson passava o tempo e se tornava cada vez mais “fanático por gibis”. Tanto que ele e o amigo decidiram criar suas próprias revistinhas por ver nelas a profissão dos seus sonhos. E foram em frente.

2

Preconceito contra as revistinhas

Na segunda metade da década de 1940, quando Edson viveu toda a sua adolescência, até completar 17 anos de idade, em 1950, ele se tornou o que chamou de “rato de salão” da Agência Campos, que continuou a ser a maior distribuidora de jornais e revistas de Piracicaba e região. Visitava a banca interna da empresa todos os dias para ver os gibis novos que chegaram.

O dinheiro continuava curto em casa. E não melhorava por um bom tempo, até conseguir o primeiro emprego. Ele se lembraria, em especial, do ano de 1945, um momento difícil para a maioria dos brasileiros. O país estava mergulhado em uma turbulência política grave, que levaria à deposição do ditador Getúlio Vargas e à eleição de Eurico Gaspar Dutra para presidente da República.

Por causa da guerra, a maioria dos bens de consumo estava escassa. Inclusive papel para imprimir jornais, revistas e livros. Ainda na gestão de Vargas, o governo estabeleceu racionamento de uma série de itens essenciais. Como trigo, óleo, pão e até sal. Na imprensa, a falta de papel, aliás, foi usada para tentar aniquilar os jornais adversários do governo, dentro da lógica do aos amigos tudo e aos inimigos nada.

A inflação de modo assustador. “O dinheiro ficou ainda mais raro para muita gente que já vivia na miséria nos tempos da ditadura do presidente Vargas”, observou Edson, que tinha 12 anos em 1945. Mesmo assim, ele pôde ler muitas revistinhas que continuavam a sair, sempre por intermédio do amigo Oswaldo. Em 1944, ele – que tinha alguma prática em desenhar quadrinhos sozinho – e o parceiro começaram a “fabricar” seus próprios gibis.

Na verdade, eram revistinhas feitas à mão, com um só exemplar, em folhas de cadernos pautado da escola, em que criavam as cenas sem rascunho a lápis e com aquelas antigas canetas de madeira e pena que se molhavam no tinteiro, uma vez que ainda não existiam as esferográficas, que se popularizariam na década de 1960.

Os dois logo adquiriram prática com aquele material sem dúvida dos mais rústicos. Em especial, a caneta com as penas nº 12 e a mosquito, que ele considerava excelentes para desenhos – a última era uma espécie de pena partida ao meio que permitia fazer diferentes espessuras de riscos e linhas. “Fizemos mais de 300 revistinhas entre 1944 e 1946, que ainda tenho guardadas por aqui. Chamavam-se *O Guarani*, *O Infantil Sextaferino* etc.”.



Imagem 3. Em 1944 Edson Rontanti começou a produzir seus próprios quadrinhos

Todos esses títulos levavam a marca da empresa imaginária que os dois amigos criaram, a Editora Infantil. “Tornei-me desenhista de tanto fazer essas revistinhas”, explicou Edson. “Nosso sonho na infância era viver de história em quadrinhos, ser contratado para criar heróis fantásticos, mas as editoras ficavam longe, lá no Rio de Janeiro, e tudo logo pareceu difícil para nós”.

Sem terem noção de como apresentar os trabalhos, os dois parceiros mandavam histórias para diversas revistas e editoras, como *O tico-tico*, *O Guri etc.*, mas a resposta do editor – sempre dada na seção de cartas – era negativa”. Diziam que nossos desenhos não estavam em condições de publicação porque precisavam ser feitos com acabamento em tinta nanquim”. Os meninos, na verdade, copiavam à exaustão seus desenhistas preferidos, desde as cenas e expressões faciais aos cenários e movimentos. E os roteiros não primavam pela originalidade.

À medida que os dois garotos cresciam, eles experimentavam as primeiras manifestações de preconceito por serem fãs de quadrinhos. A pressão vinha de todos os lugares. Oswaldo testemunhou que o pai e o irmão mais velho de Edson o repreendiam o tempo todo por ele gostar daquele tipo de leitura escapista, cheio de figuras bobas fantasiadas, segundo eles. “Fomos crescendo, ou melhor, ficando jovens. Alguns que colecionavam gibis pararam de fazê-lo porque achavam que aquilo era coisa de criança”.

Além disso, esse tipo de diversão sofreu uma intensa perseguição por parte das igrejas, principalmente da Católica, dos padres que diziam nos sermões dominicais que ler gibi era um pecado dos mais graves e muita gente ficava com medo. “Nossos pais também achavam que as histórias em quadrinhos atrapalhavam os estudos”, contou Edson.

Havia, de fato, uma guerra declarada contra os gibis em vários países do mundo e que começou na Itália, em 1938, quando o Ministério da Cultura Popular do ditador fascista Benito Mussolini proibiu a publicação de quadrinhos norte-americanos por considerá-los “desnacionalizantes” e difusores de uma “cultura alienígena – americana, no caso”. Estranhamente, porém, permitiram que os autores italianos copiassem descaradamente os heróis americanos, como Flash Gordon e os mocinhos de faroeste.

Enquanto isso, muitos padres italianos que viviam no Brasil e recebiam jornais conservadores ou governistas vindos de seu país começaram a difundir essa visão nefasta das revistinhas em seus sermões nas missas de domingo e em artigos que publicavam nos grandes jornais de várias capitais brasileiras – como o padre Álvaro Negromonte, colunista do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.

O padre brasileiro Arlindo Vieira se tornou um dos primeiros católicos a ficar conhecidos por causa de sua cruzada contra os quadrinhos. Conservador radical, durante dois anos, a partir de 1939, ele se dedicou à tarefa de escrever artigos em revistas e jornais católicos de diversos estados para denunciar os perigos que os quadrinhos representavam para a “alma” das crianças e dos adolescentes.

O religioso se declarou alarmado com as queixas feitas pelos pais que faziam parte de sua paróquia de que aquele tipo de leitura prejudicava os estudos de seus filhos. Foi um dos primeiros a afirmar que as revistinhas tiravam o interesse pelas obras escolares. Vieira achava que a maioria dos quadrinhos publicados no país tinha teor imoral e caráter “desnacionalizante” sobre seus pequenos e desprotegidos leitores, como pregavam os fascistas italianos.

Em 1944, seis anos depois da campanha italiana, o clamor de Vieira foi ouvido quando o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), órgão do Ministério da Educação e Saúde, que criava diretrizes para a educação, publicou um minucioso estudo sobre o conteúdo das revistas em quadrinhos publicadas no Brasil, elaborado por uma conceituada comissão de professores e orientadores educacionais.

As conclusões foram divulgadas nos números 5 a 9, publicados entre julho de 1944 e maio de 1945 da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. A publicação funcionava como uma espécie de guia na área educacional e constatou o que, até então, acredi-

tavam seus técnicos, em um mau desconhecido das revistinhas: o prejuízo que provocavam no desempenho escolar das crianças.

Além das teses da dominação cultural criada pelos italianos e do estímulo à violência difundido pelos quadrinhos, segundo psicólogos e psiquiatras americanos, o INEP trouxe uma preocupação a mais aos pais brasileiros – a de que quem lia quadrinhos ficava com preguiça mental e avesso a livros, tanto os escolares como os infantis, tão tradicionais como ferramenta complementar para desenvolvimento da leitura.

Essa era, na realidade, uma corrente teórica de psiquiatras que começava a ser desenvolvida exclusivamente no Brasil, por causa de uma desavença pessoal que vinha desde a década anterior entre Roberto Marinho, que comandava o jornal *O Globo* e publicava vários gibis, e o empresário Orlando Dantas, dono do *Diário de Notícias*.

Irritado porque Marinho tinha convencido o Presidente Vargas a proibir as campanhas de prêmios e dinheiro dos jornais – uma fonte de receita importante para o *Diário de Notícias* e outras publicações –, Dantas iniciou uma campanha contra ele de difamação por meio de ataques a seus gibis, que, durante um tempo antes da briga entre os dois, haviam sido promovidos exaustivamente por seu jornal.

Os ataques de Dantas tiveram início quando este descobriu que nos Estados Unidos surgia uma corrente influente de psicólogos e psiquiatras que defendia a ideia de que as revistinhas induziam as crianças e os adolescentes ao crime, à prostituição e ao homossexualismo. Portanto, a questão da delinquência juvenil crescente no Brasil deveria ser atribuída a Marinho e seus nefastos gibis – estes, dizia Dantas, “envenenavam a alma da criança brasileira”. E ponto final.

A maior censura que Edson sofria em relação aos quadrinhos, no entanto, estava dentro de sua própria casa. Ele costumava

contar ao filho mais novo, Edson Rontani Junior, que sua paixão pelos quadrinhos era abominada pelo pai e pelo irmão mais velho, Milton – a mesma observação que seria feita por Oswaldo. O filho de Edson contou: “Ambos queimavam suas revistas, jogavam no lixo ou rasgavam tanto os gibis quanto quadros que ele pintava. Meu pai só conseguiu ter sua coleção quando se casou em 1963 e se soltou destas amarras familiares”.

Edson culpava a Igreja católica por essa postura dos mais velhos em sua casa. Ele observou depois que o padre que era professor em seu colégio o expulsou da sala de aula quando descobriu que ele desenhava caubóis nos cadernos. Irritado, comprou um exemplar da revista *O Jornalzinho*, feita por uma editora católica. Ao chegar em casa, marcou as páginas com histórias de faroeste e entregou a publicação ao padre, que pediu para ele esquecer o castigo e retornar imediatamente às aulas.

Muitos anos depois, Edson admitiu que as revistinhas tinham tomado conta de sua vida no final daquela década. E assim seria, para sempre. Mas não de modo nocivo, como diziam os detratores dos quadrinhos. “De fato, para mim, a dedicação aos gibis atrasou um pouco meus estudos. Eu não suportava aqueles livros grossos que continham somente textos, sem ilustrações. Mas, para falar a verdade, na infância, aprendi muito mais por intermédio dos gibis do que pelos professores, nas salas de aula. Não me arrependo de nada, portanto”.

Ele contaria depois que a repressão era tamanha que os meninos, quando iam confessar na igreja, o padre sempre perguntava se liam gibis. Ele não negava, ouvia sempre a mesma repreensão e acabava punido pelo religioso. “Era pecado! Tínhamos de rezar não sei lá quantos Padres-Nossos e muitas Ave-Marias ali mesmo, diante do altar. Não me conformava em ser pecado ler e colecionar gibis, pois, nas histórias, o bom sempre vencia o mau no final”.

Tanto na escola de Edson como em todo o Brasil, houve meninos que queimaram lotes de gibis por pressão dos pais, depois dos “conselhos” dos padres. Um assédio que também se estenderia da parte dos professores. Era comum também que os pais fizessem varreduras nos quartos dos filhos quando estes estavam na escola e destruíam o que encontravam – rasgavam ou queimavam pilhas daquelas amaldiçoadas revistas.

As campanhas em defesa dos gibis deflagradas por Roberto Marinho em seu jornal e por Adolfo Aizen – que lançou adaptações literárias na coleção *Edição Maravilhosa* e biografias de santos na *Série Sagrada* – até surtiram algum efeito, embora a pregação difamatória prosseguisse por mais duas décadas.

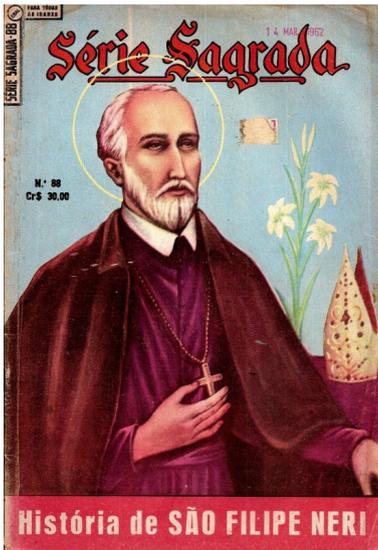


Imagem 4 e 5. A Série Sagrada, tentativa de contrapor o preconceito aos quadrinhos

Uma das consequências dos ataques aos quadrinhos foi a sua “infantilização” no sentido de restringir a leitura às crianças e, no máximo, aos adolescentes, antes da puberdade. Essa noção

acabou por afastar boa parte dos adolescentes de seu consumo, principalmente por constrangimento. Aconteceu assim em muitas cidades brasileiras.

Em Piracicaba não foi diferente. Edson acompanhou bem esse momento e amargou a solidão como leitor. “Alguns meninos que já começavam a aparecer os primeiros fios de barba no rosto foram deixando de lado os gibis, pois eram considerados coisa de criança”, observou depois.

Não foi o seu caso. “Eu já possuía uma coleção bem melhorada, pois, de 1946 em diante, depois da saída de Getúlio Vargas da Presidência e a entrada do novo presidente, Eurico Gaspar Dutra, a situação do povo brasileiro melhorou significativamente”.

A inflação, claro, também chegou de modo implacável às bancas de jornal. O *Gibi Mensal*, por exemplo, que custava Cr\$ 1,50, passou para Cr\$ 2,00 – significava um aumento de mais de 35% de uma só vez. Mas, o poder aquisitivo do brasileiro melhorou muito em contrapartida e isso beneficiou Edson em sua caça por revistinhas que chegavam aos montes na cidade.

“Então, eu conseguia adquirir os gibis que circulavam. E acompanhar as novidades e comprar parte delas. Aquele era meu mundo, meu universo, cheio de histórias e fantasias. Entretanto, faltavam-me aqueles títulos que eu não tinha comprado e que o meu amigo Oswaldo me emprestava”.

O destino estava ao lado do adolescente Edson, sem dúvida. Ele não esqueceria que, em algum dia do ano de 1949, Oswaldo, com dezessete anos, chegou para ele e teria dito, à queima-roupa: “Os meus gibis estão tomando muito espaço em minha casa, e estou trabalhando e me dedicando a outro ramo”.

O vizinho também explicou que não tinha mais comprado revistas em quadrinhos, porque, do ano passado para cá, ficaram uma porcaria, com péssimas histórias e reduziram os gibis de 100 páginas para 68 páginas (por causa do racionamento do

papel). Então, estou desistindo da leitura deles. Você não quer comprá-los?”

Eufórico, Edson teria respondido: “Oba, tá pra mim!” Claro que Oswaldo faria um preço bem camarada e facilitaria o pagamento ao máximo. “Comprei aquela montanha de gibis. Levei-os por uma bagatela. As revistas em quadrinhos naquele tempo não tinham valor, eram vendidas ao ferro velho ou jogadas no lixo, pois ainda não existiam ‘sebos’ (livrarias de livros e revistas usados).

Nem os meninos vendiam gibis velhos nas portas dos cinemas nas matinês – um fenômeno típico das décadas de 1950 e 1960. “Aluguei uma dessas carroças com cavalo que faziam transportes na cidade e levei para minha casa aquele mundaréu de *Gibi Mensal*, *Globo Mensal*, *Guri* etc. Precisei fazer uma prateleira enorme no meu quarto para comportar todas aquelas revistas. Elas estão ainda estão por aqui”.

Oswaldo, no entanto, contaria uma história um pouco diferente décadas depois. Bem humorado, ele recordou para este livro: “Com certeza, meu amigo Edson fez confusão. Eu jamais vendi qualquer coisa para ele e disso eu lembro muito bem. O que fiz foi lhe dar de presente minha coleção – como sempre fazia com várias revistinhas, depois de lê-las – porque, na época, eu tinha perdido o interesse, mesmo que momentâneo, pois voltaria a comprar e faria isso por toda a vida”. De qualquer modo, sem dúvida foi uma cortesia de grande amigo.

A partir desse momento, o adolescente se tornou oficialmente um colecionador de revistinhas. Tinha agora um respeitável acervo que lhe permitia dizer isso de peito aberto, como se falava na época. Sua prioridade agora era ampliar a coleção de cada título, buscar os números que lhe faltavam e manter as que continuavam com os novos números que chegavam às bancas.

Sim, os tempos mudavam. Os meninos cresciam, os heróis perdiam espaço na maioria da vida dos leitores. “Desde a infân-

cia, nunca deixei de frequentar as agências distribuidoras de revistas e as bancas que, aos poucos foram sendo instaladas em minha cidade, o que faço até hoje, embora reclamando sempre que já não fazem gibis como antigamente”, reitera Oswaldo.

Se o amigo buscava seu lugar no mundo, Edson não tinha abandonado o hábito de desenhar. Ao contrário, juntou seu traço a uma outra paixão: o futebol. Mais especificamente ao time do seu coração, o XV de Piracicaba. E entrou para a história do clube e do humor gráfico de Piracicaba pela porta da frente.



Imagem 6. Nho Quim, mascote criado por Edson Rontani para o XV de Piracicaba

As aventuras de outro Nhô Quim

As revistas em quadrinhos acabaram por levar Edson à imprensa por um caminho enviesado. Primeiro, como cartunista. Depois, na função de jornalista. Com apenas quinze anos de idade, em 1948, ele criou um dos personagens mais conhecidos e queridos em sua cidade, o mascote Nhô Quim, símbolo do Esporte Clube XV de Novembro, mais carinhosamente chamado de apenas “XV” e “XV de Piracicaba”.

O nome era o mesmo da criação, quase oito décadas antes, do herói do artista ítalo-brasileiro Angelo Agostini, considerado pioneiro nos quadrinhos brasileiros e mundiais. Edson nunca revelou se ele já conhecia as histórias de Agostini, que morreu quatro décadas antes de seu Nhô Quim, ou se fez uma homenagem a ele ao escolher o nome do seu caipira. Provavelmente tudo não passou de coincidência.

Na verdade, a própria origem de Nhô Quim se tornou confusa e polêmica quando se tenta descobrir quem, de fato, foi seu criador. Pelo menos para quem não conheceu os bastidores de seu nascimento. Tudo começou quando a cidade de Piracicaba respirava futebol, com a ascensão de seu mais famoso clube, fundado em 1914.

Apesar de ser um dos clubes mais antigos do Brasil, o XV não conseguira, até aquele momento, entrar na elite do futebol paulista e jogar na chamada primeira divisão – termo que ainda não era usado na época. Seu craque maior se chamava Antonio dos Santos, o Cardeal, ponta-direita que tinha sido fundamental para a conquista do bicampeonato da Lei do Acesso, em 1947 e 1948.

Cardeal tinha vestido pela primeira vez a camisa zebraada em 1938, quando ingressou na equipe infantil. Ao chegar ao juvenil, com 16 anos de idade, como não tinha salário no clube, o craque alternou por algum tempo as atividades nos treinos e jogos do XV com o seu trabalho em uma fábrica de tecidos e como funcionário público.

Com o correr dos anos, ele se transformou no craque do coração do pequeno Edson e de toda a cidade. “Até hoje, fecho os olhos e recorro ao nosso esquadrão. Era um time habilidoso e de atletas de caráter”, afirmou Cardeal, em entrevista concedida em 2012.

Nem mesmo uma decisão inusitada do jogador, antes de levar o clube à primeira divisão, abrandou a admiração que Edson mantinha por ele. Cardeal precisou deixar o XV por causa da paixão incondicional que nutria por uma garota. Como quase todo homem apaixonado – e mulher também – costuma fazer loucura, não foi diferente com ele. “Conheci Mercedes em frente à casa dela, estava um cheiro de pão maravilhoso e começamos a conversar”.

Ela contou a ele que frequentava o Clube Atlético Piracicabano e, então, Cardeal resolveu “jogar no time de lá para conquistá-la”. Tempos depois, Mercedes se tornou sua esposa, o craque acalmou o espírito e voltou para o clube do coração.

O amor de torcedor de Edson, então um desenhista precoce, pelo futebol, estimulou-o a criar o mascote do seu time, o caipira Nhô Quim, que se tornaria o personagem mais famoso da cidade nos 60 anos seguintes. A criatura foi batizada com esse nome por Tomaz Mazzoni e Nino Borges e, erroneamente, considerada por muitos seu verdadeiro criador.

Sem dúvida que Edson foi o responsável por lhe dar forma física e ser o grande divulgador, pois o desenhou pela primeira vez e por nada menos que 49 anos, até sua morte, em 1997. Sua estreia aconteceu em meados de 1948. Mas não tinha nome

ainda. Aquela seria uma campanha vitoriosa que levaria o clube finalmente a enfrentar equipes como Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos.

Para Rocha Netto, considerado o maior “entendedor” de esportes de Piracicaba e que na época vivenciou o fato, a ideia de conceber Nhô Quim se deve mesmo a Edson Rontani. No final da década de 1940, ainda adolescente, ele passou a fazer ilustrações de um caipira magro, de camisa listrada, em representação do time que disputava a segunda divisão.

Havia em Piracicaba um ponto obrigatório dos jovens, esportistas e torcedores onde eram transmitidos, através de um alto-falante, programas da Rádio Clube Piracicaba. Segundo Elias Netto, em seu *Memorial de Piracicaba* (2002), um funcionário teve a ideia de expor semanalmente tais charges do então personagem apelidado de Jeca – pela semelhança com o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato.

Depois, cartuns do mascote passaram a compor a vitrine da loja de material esportivo e casa lotérica Challet Paulista, dos empresários Arlitos Raya e (seu filho) Francisco Raya, na rua São José, ao lado da praça José Bonifácio e da sede do alvinegro piracicabano. Em 1949, quando o time subiu para a primeira divisão, Rocha Netto levou os desenhos de Edson para a *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, onde ele trabalhava como colaborador.

O personagem agradou o redator-chefe da *Gazeta*, Thomaz Mazzoni, que ficou conhecido por criar diversos mascotes para times paulistas de futebol. De acordo com Rocha Netto, o desenhista Nino Borges, do mesmo jornal, desenhou um caipira para o jornal igual ao de Edson, a pedido de Mazzoni, que acabou por batizá-lo como Nhô-Quim.

Em um texto de 2002, o mesmo Elias Netto observou: “Rontani não alterou o seu desenho e o povo também começou a chamá-lo pelo mesmo nome, Nhô Quim. Por causa do mesmo persona-

gem, a partir de 1952, Edson passou a publicar cartuns no *Jornal de Piracicaba*. Nhô Quim seria totalmente remodelado por ele em 1966 e, assim, permaneceria até o século XXI.

Elias Netto explicou que chegou a circular a informação de que o cartunista havia pedido permissão a Nino Borges para dar continuidade ao personagem, o que lhe pareceu estranho, já que se tratava de uma criação sua – somente o nome, vale repetir, veio dos jornalistas de *A Gazeta Esportiva*, como foi dito.

No desenho, desde o começo, ele sempre aparecia, com uma espingarda nas mãos. Em um desses cartuns, Edson apelou aos torcedores: “Piracicabano: o XV de Novembro tem honrado a sua cidade. Colabore para seu engrandecimento cada vez maior do Nhô Quim ingressando em seu quadro social. Honre você também a nossa cidade”.

Segundo Edson Rontani Junior, a criação do seu pai tinha características imutáveis que o acompanhariam no decorrer de década: um caipira, com seu inseparável chapéu de Jeca Tatu, magro e metido em situações hilárias contra torcedores adversários, como o papagaio do Palmeiras, o peixe do Santos e o mosqueiteiro do Corinthians.

As aventuras de Nhô Quim apareceriam em vários jornais locais ao longo de cinco décadas. Como *Folha piracicabana*, *Tribuna piracicabana*, *Jornal de Piracicaba* e *O diário*. Nesse período, passou por uma série de mudanças que Edson promoveu no seu visual para se modernizar e se adaptar aos novos tempos.

Um dos momentos mais importantes de Edson nesses primeiros anos como cartunista e ilustrador de jornal, que o tornaria conhecido pelos torcedores do XV de Novembro, foi o anúncio que ele criou para a campanha de arregimentação de cinco mil sócios que o clube precisava, feita pelo *Jornal de Piracicaba*, que permitiria ao time melhorar suas instalações e contratar jogadores de melhor qualidade técnica.

Nos primeiros anos da década de 1950, enquanto Edson continuou a desenhar Nhô Quim, o XV passou a ser destaque na *Gazeta Esportiva* e o mascote foi também desenhado por Miécio Café e Messias de Mello. A popularidade do personagem também foi citada na coluna “Off-Side”, do semanário *O Governador*, de São Paulo, nos traços de Manolo e Almir Bortolassi.

Os cartuns de Nhô Quim abririam caminho para Edson na imprensa da cidade, embora ele continuasse a fazer o curso de contabilidade no segundo grau e, anos depois, se formasse em bacharel em direito no final da década de 1950. Como raramente se usava fotografia por causa da má qualidade da reprodução em clichê – chapa de metal usada para impressão –, era comum o uso de ilustrações. Por isso, em datas especiais como Natal, Páscoa, Dia do trabalho etc., Edson era convocado para criar cartuns.



Imagem 7. Cartão de natal produzido por Rontani

Enquanto estudava, ele abriu um estúdio de desenho, o Orbis, na praça José Bonifácio, a principal da cidade. De lá saíam os mais diversos tipos de pequenos serviços: de ilustrações para publicidade de estabelecimentos comerciais, principalmente lojas de rua, até caligrafia em convites de casamento.



Imagem 8. A diversidade da arte de Rontani, como ilustrador comercial

Diplomas e certificados de cursos – de colégios ou mesmo de simples cursos de datilografia – também eram produzidos por Edson. Entre outras atividades, ele ficou responsável pela elaboração do documento de Cidadão Piracicabano, título concedido a ilustres personalidades pela Câmara de Vereadores da Piracicaba. Ele estendeu ainda seu interesse e seu talento para as artes plásticas, cuja produção lhe renderia depois elogios.

Nas horas vagas, passou a trabalhar com tela, tinta a óleo e foi aluno durante um bom tempo de um dos nomes mais importantes da pintura brasileira no século XX, que morou em Piracicaba por vários anos: Hugo Benedetti. Em seu estúdio, Edson estudou com afinco todos os macetes que o mestre lhe ensinou. Produziu um número impressionante de telas que depois exporia em espaços da cidade.



Imagem 9. Cartaz comemorativo criado por Rontani

No decorrer da década de 1950, o traço de Edson foi aprimorando e se espalhou por Piracicaba e chegou até mesmo à publicidade de maior alcance. No Natal de 1954, por exemplo, o *Diário de Piracicaba* publicou um anúncio feito por ele para a empresa Mercantil Piracicaba. A mensagem tinha conotações religiosas comuns na época: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade” foi o mote utilizado pelo artista.

O alcance do trabalho lhe renderia por um bom tempo uma série de encomendas. Enquanto isso, estudou com afinco para terminar o curso de direito. Formou-se pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Nunca exerceria a atividade, assim como não quis saber das outras profissões as quais havia se formado: professor e contador.

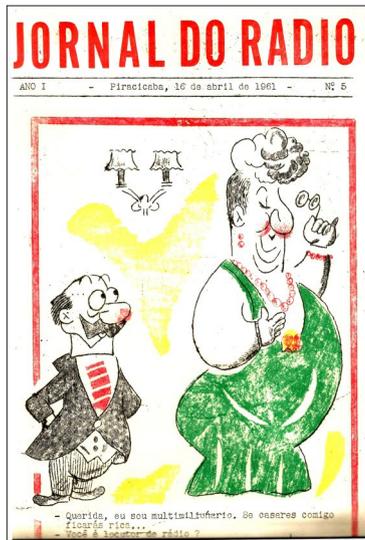
Os anos passaram e o jovem Edson vivia do que produzia em seu pequeno estúdio. Tanto em ilustração e publicidade quanto em jornalismo. “O meu desejo sempre foi fazer histórias em quadrinhos. Como não consegui publicar nem sequer uma tira de quadrinhos nas revistas que eu tanto admirava na juventude, parti para colaborações em jornais de minha cidade, fazendo charges, ilustrando contos etc. É o que faço até hoje”.

E trabalho não faltava, pois havia carência de ilustradores na cidade. Tanto que os jornais compravam cartuns e tiras de agências distribuidoras, como a Record e a Apla. Edson fazia de tudo fora das redações. De fazedor de cartazes dos primeiros anos, virou até um respeitado vitrinista, graças à caligrafia impecável que impôs. Por isso, era chamado por lojas da cidade para montar as fachadas, inclusive dos principais magazines locais. Ganhou bastante dinheiro no final da década de 1950 – o que ajudou a crescer sua coleção de revistinhas.

Edson Rontani Junior recordou que, sair para ver vitrines de grandes lojas na década de 1950 era uma atração para toda a família Rontani. Por uma razão a mais que a maioria dos moradores da cidade, tinham sido feitas pelo caçula da família. O jovem até ganhou prêmios como “grande vitrinista” das festas de Natal e Ano Novo.

A mesma letra sofisticada que fazia foi parar em jazigos e placas de ornamentação para túmulos das famílias mais abastadas de Piracicaba – o serviço era contratado por fundições que usavam suas letras para elaborar a matriz e escrever no bronze. Era ainda convocado para ornamentar salões de festas, como bailes de carnaval, casamentos e festas de fim de ano nos mais importantes clubes de Piracicaba.

Por anos, Edson acumulou também uma série de atividades radiofônicas. Além de radialista e radioamador, contou seu filho, ele foi diretor do *Jornal do Rádio*, boletim que circulava aos domingos, entre os anos de 1961 e 1962, com cerca de seis páginas de notícias, com conteúdo mais para o lado cômico, sobre o rádio piracicabano, seus produtores, locutores e artistas.



Imagens 10 e 11. Rontani dirigiu e ilustrou o *Jornal do Rádio*, no início dos anos 1960

O primeiro número saiu em 19 de março de 1961, com diversas caricaturas feitas por ele de conhecidos radialistas da região, como o locutor esportivo Waldir Marques. Outra seção curiosa trazia tirinhas em quadrinhos com sátiras dos artistas que faziam radionovelas ou trabalhavam no rádio.

Os colegas adoravam e levavam as brincadeiras do cartunista e editor na esportiva, como se dizia naquele tempo. A partir de 1962, graças a seu empenho, o *Jornal do Rádio* conseguiu um número razoável de anunciantes, o que deu algum retorno financeiro à publicação – o suficiente para cobrir os custos gráficos e sobrar algum para ele.

Todos os anúncios eram totalmente elaborados por Edson – da ideia central à composição à mão das letras e as ilustrações utilizadas. O humor também se sobressaía na coluna dominical com o mesmo nome, publicada no *Diário de Piracicaba*.

E os quadrinhos, como andava sua coleção? Ao se aproximar do trigésimo aniversário, em maio de 1963, Edson se casou com

a professora Ivete D’Abronzo, que ganharia o sobrenome Rontani. Os três teriam três filhos, todos meninos: Eron D’Abronzo Rontani (1964), Edson Rontani Júnior (1967) e Fábio D’Abronzo Rontani (1972).

Na época em que subiu ao altar, ele se deu conta de que não conhecia mais nenhum adulto em Piracicaba que se interessasse por gibis. Imaginou que poderia atrair alguns e teve a ideia de fazer uma série de artigos relacionados às histórias em quadrinhos, com comentários sobre autores, heróis, revistas etc. “Eu os publiquei no jornal em que militava pela causa dos gibis, o *Diário de Piracicaba*”.

Seu intuito era, sem dúvida, ver se descobria alguém que se interessasse pelo assunto, escrevesse uma carta para o jornal ou lhe telefonasse. “Não houve retorno. Não deu nenhum resultado, o que me deixou bem decepcionado. Talvez até existisse algum fanático por HQ na cidade, que teve vergonha de se expor”. De acordo com ele, era comum se dizer: “Tamanho homão desse lendo gibi!”

Os meses e os anos passaram e Edson concluiu que a série de artigos, além de não estimular ninguém a entrar em contato, não estava agradando os leitores. Tanto que, um dia, o editor lhe perguntou até quando iria continuar com aqueles textos. O tom era de impaciência e desaprovação. “Deu para perceber, né? Nos anos sessenta, os gibis ainda eram tremendamente perseguidos pela igreja católica”.

Pois é, a situação piorara mais desde a década de 1940. “Tive até campanha para desarmar as crianças com revólveres de brinquedo, só porque liam gibis. E as famosas queimas de montanha de gibis em plena praça pública? Quanta preciosidade que virou cinza!”

Seu lado desenhista continuava a ser aprimorado quase duas décadas depois de começar a fazer as primeiras histórias em quadrinhos. No segundo semestre de 1964, Edson tomou coragem e tentou realizar um velho sonho: ter uma ilustração sua como

capa de alguma revista de seus heróis preferidos, então publicados pela Editora Brasil-América Ltda., EBAL, de Adolfo Aizen, uma das mais importantes em gibis do país.

Frequentador assíduo das seções de cartas das revistas de Aizen, ele caprichou nos desenhos e mandou alguns para o editor. “Enviei as capas sem compromisso e ele respondeu que estavam aceitas e mandou uma ordem de pagamento, por intermédio da Agência Modesto, em São Paulo” – seu distribuidor no estado.

Ambas saíram em janeiro de 1965 nos gibis do *Superman* nº 9 e do *Batman* nº 43 – que seria republicada em *Batman-BI*, de abril-maio de 1974. Em outra entrevista, ele explicou um pouco diferente como conseguiu a façanha: “Na década de 1960, já com um pouco mais de prática ou gabarito resolvi desenhar para as editoras. Foram publicadas algumas capas de minha autoria – a de *Superman-BI* tem a minha assinatura, as demais foram cortadas”.

A aprovação de Aizen o estimulou a buscar outros veículos. “Cheguei também a fazer capas para o suplemento infantil *A Folhinha de S. Paulo* e várias outras revistas, mas nunca publiquei uma história em quadrinhos”. E não foi por falta de tentativas, pois enviou várias delas, já produzidas.

O destino parecia estar contra ele nesse sentido. A primeira oportunidade para ver alguma história sua publicada aconteceu alguns anos antes, em 1960, quando viajou a São Paulo e esteve na redação da Editora Continental – depois rebatizada de Outubro –, na Liberdade. Ele levou uma historieta que ele mesmo escreveu e desenhcou.

A editora era famosa por difundir que só publicava artistas brasileiros – suas capas traziam a frase “Escrita e desenhada no Brasil” em duas faixas verde e amarela. “Quem me atendeu foi o grande desenhista Jayme Cortez. Ele gostou dos meus traços, mas botou muitos defeitos no roteiro da história que era de mi-

nha autoria. Apresentou-me ao dono da editora, Miguel Penteadó, e disse que eu tinha futuro”.

E parece que ele falou sério. Na mesma visita, Edson conheceu Waldir Ygaiara de Sousa, que iniciava com seus quadrinhos e depois comandaria o departamento de produção de gibis da Editora Abril, de São Paulo, a partir de 1975. Cortez lhe deu o roteiro de uma trama de terror para que ilustrasse e depois voltasse para ser avaliado. “Ele me disse que desenhasse no mesmo estilo do Alex Raymond, isto é, copiar os traços de Nick Holmes”.

Edson voltou a Piracicaba cheio de esperanças de que seus desenhos seriam publicados em uma revista especializada em quadrinhos. “A editora tinha grande número de revistas com histórias brasileiras, como *Fuzarca e Torresmo*, *Mazzaropi*, *Bidu* (de Maurício de Sousa), *Cacareco*, *Capitão Sete* e várias revistas de terror. Aconteceu que nem cheguei a desenhar a primeira página, pois, no dia seguinte, fui convidado para trabalhar para o Governo do Estado de São Paulo como desenhista”.

Foi assim que ele desistiu da carreira nos gibis para sempre, apesar de manter vivo o desejo de ao menos fazer capas para a Ebal, sua editora preferida. “Trabalhar para o governo era uma boa. Cuca fresca, não precisava correr atrás de serviços. Era só desenhar (o que eu gostava de fazer) e receber no final do mês. Agora, havia mais tempo de dedicar-me a colecionar quadrinhos. Esse foi um dos motivos também de ter criado o boletim, hoje fanzine, o *Ficção*”.

Sem se preocupar com dinheiro para se manter e a sua família, Edson tinha as horas vagas para cuidar de sua coleção e desenhar. Conhecido como autor de cartuns em Piracicaba, continuava a manter atualizado seu acervo.

Nesse momento, criou um novo hábito. Para conseguir revistas em quadrinhos estrangeiras, todo mês viajava para São Paulo de trem e voltava com sacolas de quadrinhos comprados em sebos e bancas que vendiam edições importadas.

Fã incondicional de quadrinhos de super-heróis, admirava autores como Bob Kane (Batman), Joseph Shuster e Jerome Siegel (Superman) e, principalmente, Alex Raymond (Flash Gordon).

Embora tenha se casado no começo da década de 1960 e se tornado logo pai, continuava a se sentir um solitário entre as suas revistinhas. Como os artigos não deram o resultado esperado, teve uma nova ideia: buscar uma forma de manter contato com aficionados como ele em outras cidades e estados. Em todo o Brasil, enfim. Desse modo, sem saber, Edson Rontani se tornaria o pai do fanzine no Brasil.

O boletim que virou fanzine

De origem inglesa, o termo “fanzine” não era usado no Brasil em 1965. Sequer era de conhecimento de colecionadores de modo geral. “Fan” veio da palavra “fanatic”, fanático, ou seja, referia-se àqueles admiradores exagerados, em um bom sentido. “Zine” foi tirado da palavra “magazine”, como são chamadas as revistas nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ou seja, fanzine queria dizer “revista do fã”.

Até então, o que mais se aproximava disso em português eram os chamados boletins de cineclubes, que existiam no país desde a década de 1940. Mas não eram fanzines no sentido literal do termo porque se limitavam a falar das atividades da entidade e da programação de filmes. Existiram, em momentos diversos, pelo menos duas dezenas dessas publicações em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre.

Mesmo assim, antes que Edson tomasse conhecimento de que havia feito o primeiro fanzine brasileiro, esse formato de imprensa acumulava uma longa história nos Estados Unidos. Remontava ao ano de 1930, quando foi lançado *The Comet*, considerado o primeiro fanzine do mundo, no gênero ficção científica, criado por Roy Palmer e editado pelo Science Correspondence Club, de Chicago, que ele presidia.

No primeiro momento, foi descrito como uma revista amadora ou semiprofissional. Depois, recebeu os apelidos de “fanmags” e “letterzines”. Acredita-se que o rótulo “fanzine” foi cunhado em outubro de 1940 pelo americano Russ Chauvenet, exímio jogador de xadrez e fundador de um clube de leitores de livros de ficção científica. Quando isso aconteceu, ele tinha apenas vinte anos de

idade. Tratava-se de um neologismo para identificar as muitas “publicações caseiras” que proliferavam na América e que buscavam troca de informações e resgate histórico sobre variados temas, principalmente via correio.

Ao relembrar como tudo surgiu, Edson contou, três décadas depois: “Eu precisava entrar em contato com leitores e colecionadores de gibis de outras partes do país. Estava isolado no interior, não tinha com quem completar minha coleção. Em Piracicaba eu já não conhecia ninguém que admirasse os quadrinhos.

A cidade tinha ganhado duas casas lotéricas, que também vendiam gibis velhos, mas era difícil encontrar os números antigos que eu precisava. Vez em quando aparecia um ou outro. Foi quando li em um jornal de São Paulo um movimento que se fazia na França sobre histórias em quadrinhos e que seus participantes tinham lançado uma revista inteiramente dedicada ao assunto HQ”.

Edson se lembraria bem da reportagem, escrita por Álvaro de Moya, onde leu que o jovem cineasta francês Alain Resnais era quem comandava o movimento e defendia os gibis com entusiasmo contagiante. “Então, tive a ideia de fazer um jornalzinho mimeografado ao qual dei o nome de boletim informativo *Ficção*”, observou.



Imagem 12. *Ficção* marcou a estreia dos fanzines no país

Como tinha mania de fazer jornais estudantis nas escolas por onde passou, ele resolveu, então, editar um tipo de jornalzinho, que deu o nome de boletim. “Em suas páginas, eu poderia pôr no papel tudo o que sentia pelos quadrinhos. Queria falar sobre heróis, desenhistas, roteiristas e revistas diretamente para interessados e, também, trocar os gibis em duplicatas pelas que faltavam em minha coleção”.

Antes de criar de fato o boletim, inspirado na mesma notícia sobre o movimento de valorização dos quadrinhos na França, Edson fundou um clube de fãs que apelidou de Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond, espécie de grupo de colecionadores que seria copiado em todo Brasil nas duas décadas seguintes. Principalmente por aficionados “veteranos”, com mais de trinta anos de idade, como ele.

Tudo foi bem pensado. A união desse pessoal se daria por meio do jornalzinho que ele preparava para lançar. O primeiro número do *Ficção* começou a circular em uma data digamos sabática, no dia da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, 12 de outubro de 1965. Nascia uma nova forma – depois do fracasso dos artigos sobre HQs – de se aproximar de colecionadores e aficionados de Piracicaba e, de modo mais amplo, de todo o Brasil.



Imagem 13. Quinta edição do *Ficção*, de abril de 1966

Dessa vez, ficou mais otimista. E voltou a ressaltar seus propósitos. “Em 1965, já casado, com um filho – o segundo nasceu em 1967 e o terceiro em 1972 –, aos 32 anos, eu não tinha com quem falar sobre histórias em quadrinhos. Muita gente acreditava nisso. Eu não”. O público leitor sobre o assunto devia ser muito diminuto ou tinha vergonha de admitir que gostava das revistinhas. “Minha meta era me aproximar dessas pessoas”.

Na verdade, aquela não seria a sua primeira publicação alternativa. “Editei muitos jornaizinhos mimeografados nas escolas e faculdade que tinha estudado”. E ele recorria, mais uma vez, a esse tipo de impressão porque, embora as máquinas de fotocópia tenham sido criadas em 1948, ainda não havia, na maioria das cidades brasileiras, esse sistema de impressão acessível no começo da segunda metade da década de 1960.



Imagem 14. O mimeógrafo era o único recurso possível para as publicações amadoras

E quando se encontrava uma copiadora, a reprodução demorava, o processo ainda se mostrava primário e o resultado bem ruim, com muitos borrões. Era preciso colocar o original dentro

de uma espécie de envelope plástico e esperar alguns minutos. Isto é, uma eternidade para quem precisava de centenas de cópias. “Se nos anos de 1960 existisse o xerox para todo mundo, seria uma maravilha”.

Comercialmente, somente no final da década de 1970 é que aqui apareceu. “Tínhamos a fotocópia, mas as cópias saíam escuras e duravam pouco tempo, um sistema quase igual à cópia heliográfica”, recordou Edson. “Assim, apelamos para o mimeógrafo à tinta, que também tinha complicações. Era um trabalho difícil e exaustivo. Se a xerox existisse na minha infância, eu estaria feliz da vida. Teria minha revista própria sem precisar das editoras”.

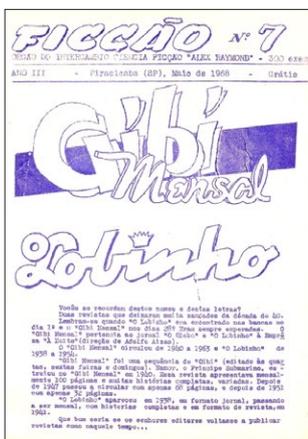


Imagem 15. Passeio nostálgico pelas revistas que marcaram época

O mimeógrafo exigia um verdadeiro processo de artesanato, segundo Edson. “O mimeógrafo à tinta é invenção do século passado (XIX). Borrava muitas folhas, tinha que enxugar a tinta que se acumulava em demasia, pois era líquida e não uma pasta mais consistente, como eu achava que deveria ser”.

A reprodução, portanto, muitas vezes, deixava a desejar. As partes em branco da imagem saíam acinzentadas, mais pareciam

sujeira de sobras de impressão. Piorava se tivesse alguma imagem com espaço em preto relevante, como um desenho mais detalhado.

Fotografia, então, nem pensar. Qualquer imagem impressa deveria ser antes decalcada e era sempre grande a chance de virar uma mancha escura. Por tudo isso, copiadoras tão rústicas assim se mostravam inviáveis para reprodução em quantidade como exigiria um fanzine.

Antes disso, quando tudo se limitava a uma ideia na cabeça, ele não tinha ainda uma impressora. Quando decidiu que faria mesmo o boletim, descobriu que estava à venda um mimeógrafo velho em um colégio protestante. Tudo aconteceu em um desses bazares de fim de semana em que a sorte parece estar do lado da pessoa.

Pagou uma pechincha e pôs mão à obra. “Como consegui um mimeógrafo, parecia que seria fácil, mas não demorei a descobrir o quanto seria muito difícil a sua manipulação”. Edson explicou que o estêncil, ou matriz, como era mais conhecida a folha de impressão, continha uma película de cera na qual se batia à máquina ou se desenhava, de modo a deixar vazado onde se fez os toques das letras ou do desenho com um estilete.



Imagem 16. O *Ficção* n. 8 chegou a ter 300 exemplares

Por ali, passava a tinta. “Tínhamos de fazer tudo diretamente na matriz. Para se datilografar nela, era preciso tirar a fita da máquina para se ter um resultado melhor. A fita amortecia a pressão das letras e não alcançavam a cera com a força e a precisão necessárias. Era um sistema muitíssimo antiquado e de grande dificuldade para imprimir”. Prosseguiu ele: “O leitor já experimentou escrever numa folha de papel branca com a máquina de escrever sem fita preta? Quase não se enxergava nada, apenas a gravação que era feita no verso”.

O material impresso, mesmo com tanto cuidado, mostrava-se limitado, não se podia reproduzir imagens, a não ser que as mesmas fossem decalcadas por meio de papel vegetal e aplicadas com uma ponta metálica – e, quase sempre, ficavam toscas. Havia a necessidade de se treinar os olhos para errar o mínimo possível, enfim. “Para desenhar, usávamos um estilete e não podia errar, pois não era possível apagar nada”.

Recorria-se a um corretor de estêncil que cobria o erro, mas desenhar novamente sobre essa correção era algo quase impossível de se conseguir. Até uma única página ficar pronta, vivia-se um sufoco. Não era diferente no momento da duplicação. “Nem sempre passava só uma folha ao girar o cilindro – um processo manual, semelhante ao de um moinho, com velocidade controlada pela mão para se obter o melhor resultado. Às vezes, portanto, a ferramenta puxava mais de duas folhas juntas – uma ficava em branco, claro. Então, tínhamos de usar talco para evitar borrões de tinta”.

Outra limitação estava em não se poder imprimir dos dois lados do papel, pois a tinta vazava, “atravessava” a folha e atrapalhava a leitura do outro lado. Por fim, havia ainda a etapa da secagem da tinta, que era demorada também. “Tínhamos de intercalar folha por folha com outro papel, pois a impressa, se encostasse na seguinte, marcava as costas do papel”.

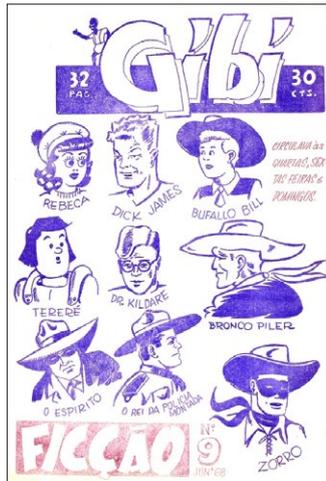


Imagem 17. O *Ficção* n. 9 homenageia a revista *Gibi*

O desperdício ao final da impressão, portanto, não era pouco. A grande mão de obra para copiar com esse mimeógrafo, porém, não tirou o entusiasmo de Edson. Nem o diminuiu. Ele seguiu em frente e levou várias semanas para terminar. “Aquilo era um perfeito serviço para presidiário”.

Com esforço sobre-humano, nas noites, madrugadas e fins de semana, Edson atingiu a tiragem inicial de 300 exemplares. Ele havia estabelecido que o primeiro número teria nada menos que doze páginas em formato A4, assim divididas: três páginas de notícias, oito da sua “feira de revistas” – um listão de classificados de publicações para venda ou troca – e, na contracapa, a reprodução do número 1 do gibi bimestral *Fantasma Magazine*, lançado pela RGE em março-abril 1952.

A técnica empregada nesse sentido foi o decalque, com o uso de papel vegetal, o que lhe permitia aproximar um pouco da imagem original. Ele não saberia precisar quantas resmas inutilizou para chegar a esse número. E fez questão de observar que na confecção do fanzine trabalhou sozinho o tempo todo, acompanhado de longe pela esposa Ivete. Depois, contaria orgulhoso de si mesmo:

“Eu era datilógrafo, desenhista, expedidor e arquivista dos sócios (aqueles que recebiam o fanzine e respondiam às cartas)”.

Sem se dar conta, Edson pretendia fazer, assim, um trabalho mais amplo de difusão da cultura das histórias em quadrinhos no Brasil. No editorial da primeira página, ao lado do retrato de Alex Raymond, que ele mesmo desenhou a partir de uma fotografia, escreveu na carta ao leitor uma mensagem em que conclamava a todos a uma inédita interação entre colecionadores de todo o país. E apelou, inicialmente, ao mais forte argumento que poderia usar – o esforço para se completar coleções:

Muito se pensou e se falou na fundação de uma entidade em que se conseguisse reunir, por meio de correspondência, um grande número de aficionados da história em quadrinhos.

Nosso maior intuito é facilitar a venda e trocas de revistas de historietas entre colecionadores e tecer comentários sobre tudo o que se relacione com esta arte de nosso século. Aqui estaremos de braços abertos esperando a sua adesão e colaboração, contando também com seus artigos, comentários, opiniões etc.

Guarde o nosso endereço: Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond, Rua Alferes José Caetano, 1980, Piracicaba, Estado de São Paulo.

Naquele tempo, ainda não havia o código de endereçamento postal, mais conhecido como CEP. Daí sua ausência no endereço. Ainda na capa, Edson colocou uma nota logo abaixo do retrato de Raymond:

A escolha para patrono de nosso Intercâmbio não podia ser melhor do que o nome de Alex Raymond, um dos ases da história em quadrinhos internacional, criador de heróis

que conquistaram o mundo. São eles: Flash Gordon, Jim das Selvas, X-9 e Rip Kirb.

A ambição ganhava forma. A sorte estava lançada. Edson Rontani acabara de criar o primeiro fanzine brasileiro.

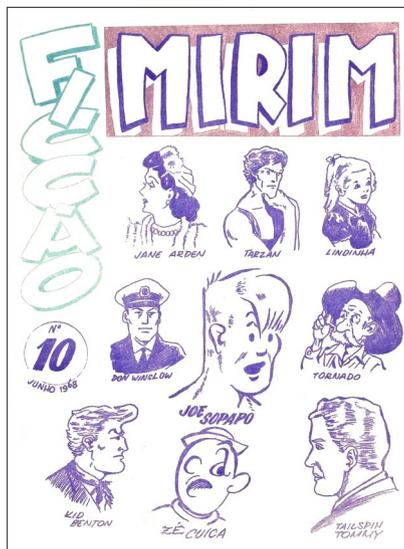


Imagem 18. *Ficção* n. 10, de junho de 1968

Colecionadores do Brasil, uni-vos!

Edson não exagerava quando se queixava do preconceito contra os quadrinhos, que não dava trégua até aquele momento em que ele criou o *Ficção*. Como consequência, quando um menino começava a ter os primeiros sinais de adolescência, deixava de ler gibis. Ele sempre enfatizava esses aspectos em suas entrevistas, quando lhe pediam para contextualizar o nascimento do primeiro fanzine brasileiro.

Algumas vezes, chegava a amenizar as causas que levaram os meninos a deixarem as revistinhas de lado. Ou seja, não eram somente ligadas à censura. “Não quero dizer que todos os leitores nessa faixa etária se comportavam assim, mas a maioria, pelo menos. Eram etapas da vida que faziam e talvez ainda fazem com que isso aconteça. Tem aquela fase dos estudos escolares, depois a primeira namorada, a segunda.

E os gibis iam ficando de lado. “Quando se casa, então, são jogados no lixo, porque a gente acha que já não está mais na idade de ler isso. Ou então, quando o irmão mais novo vai desfalcando a coleção, e isso faz com que a gente se sinta desmotivado – e pare de comprar e colecionar”.

Outro fato que costumava fazer a pessoa desistir das revistinhas eram as mudanças de domicílios. Momentos assim sempre levavam as pessoas a repensar o que andou guardando. “Serve também de motivação para desapegos e descartes. Joga-se fora brinquedos, roupas e velhos cadernos e livros escolares, além de gibis. Como uma ruptura com a infância, o começo de uma nova vida”.

Ou quando a casa é pequena e não se tem onde guardar tantas revistas. “Isso fazia e ainda faz com que se diminua aqueles que são siderados em quadrinhos. Foi o que quase aconteceu comigo na juventude, mas minha paixão falou mais forte. Desde os dez anos de idade sou fanático pelas revistas de HQ e vi tudo isso acontecer, o que sempre lamentava muito”.

Segundo Edson, os amigos que tinha na infância e juventude, que gostavam de ler e comentar sobre os quadrinhos, foram deixando de lado o hobby. Ele superou até mesmo as resistências familiares. E quando casou, encontrou na esposa uma pessoa compreensiva quanto ao seu passatempo preferido. Longe do mundo, mas perto dos quadrinhos. “Então, fiquei sozinho com os meus gibis. Isso continuou na década de 1960. Eu já não tinha mais com quem tecer comentários sobre essa arte do nosso século”.

Ele fez de tudo como os outros colegas. “Também estudei, namorei, casei, mudei de residências, mas os meus gibis sempre me acompanharam. São a minha paixão desde a infância”, contou ele, em 1991. Com o fanzine, porém, tudo mudou. Ou melhor, redimensionou-se.

Para atingir um público mínimo de leitores dentro do perfil que buscava, porém, não foi nada fácil para Edson. Ele procurava amantes dos quadrinhos que eram colecionadores, com a idade próxima à sua, que tivesse passado a infância na década de 1940.

A missão consumiu quatro meses de muito esforço, o que explicaria a distância maior entre o primeiro e o segundo número, que só saiu em janeiro de 1966. “Quantos marmanjões não iam até a banca de revistas e colocavam escondido no meio do jornal *O Estado de S. Paulo* uma revista do *Superman* ou mesmo do *Pato Donald*?” Ele também mandou circulares para os mais variados diários com a notícia do lançamento de seu boletim sobre os quadrinhos. “Muitos jornais não noticiaram, mas, alguns, sim”.

Essa busca por leitores, na verdade, começara antes dele imprimir o primeiro número do fanzine. Em entrevista a Henrique Magalhães, Edson recordou: “Baixei (das caixas de papelão) os gibis de minha coleção e fui procurando nomes de leitores que escreviam cartas para as seções de cartas das editoras, endereços (que tinham sido publicados) na posta restante. Encontrei desenhistas brasileiros, editoras etc.”.

Nos anos de 1940 e 1950, boa parte das revistas em quadinhos mantinha seção dos leitores que desejavam trocar correspondência com pessoas de todo o país. Entretanto, ele descobriu que a maioria não se tratava de colecionadores de gibis e, sim, de gente que publicava endereços apenas para relacionamentos dos mais variados tipos, como troca de selos de coleção, cartões postais e até namoro. “Mesmo assim, enviei uma enxurrada de cartas e consegui pescar alguns colecionadores de gibis”.

O editor resolveu também percorrer as contracapas das revistas da Ebal lançadas nos últimos anos, o que aumentava suas chances de obter respostas, já que muitas daquelas pessoas deveriam ser leitoras ainda ativas. Nesses espaços apareciam mais nomes e endereços de colecionadores que mantinham correspondência com Adolfo Aizen, em sua famosa seção de cartas “Conversa do diretor”.

Vários deixavam claro que acompanhavam a editora havia muito tempo. “Consegui uma boa quantidade de nomes. Além disso, enviei exemplares para as editoras e para os desenhistas”. Só depois disso, portanto, veio o empurrão da Ebal, que foi fundamental para os planos do pequeno editor. Edson não esqueceria daquele gesto. “Entretanto, o que mais deu resultado foi uma carta minha que Aizen publicou na contracapa da revista *Superman-BI*, em que contava sobre o aparecimento de uma entidade dedicada às HQ, chamada Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond, que distribuía o boletim *Ficção*”.

O lendário editor dedicou um espaço generoso à novidade na edição de número 6 da revista, com data de janeiro e fevereiro de 1966, uma vez que era bimestral, como dizia o “Bi” do nome. Depois de fazer uma pequena introdução, Aizen reproduziu a carta de Edson:

– Recebemos de Piracicaba uma carta com um boletim que foi uma grata surpresa para nós. A carta vinha assinada por Edson Rontani, já nosso conhecido (um desenho seu foi publicado na capa do Superman nº 9 — janeiro 1965) e diz o seguinte:

Piracicaba, 10 de novembro de 1965

Prezado senhor:

Sendo V. S^a o pioneiro da história em quadrinhos no Brasil, não poderíamos deixar de comunicar-lhe, em primeiro lugar, a fundação do intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond”, nome esse em homenagem ao saudoso criador de Flash Gordon, um dos ases da historieta.

Foi difícil formá-lo. Onde achar elemento humano? Colecionadores, onde? O número de pessoas que apreciam coleções de revistas em quadrinhos que conhecíamos era pequeno. Foi um tal de recorrer aos amigos, procurar nomes no “Mercado de revistas” (Superman-BI), pegar nomes e endereços de leitores que escreviam cartas ao Diretor da Ebal (que eram publicadas nas capas das revistas antigas). Enfim, conseguimos 189 nomes de pessoas que se dedicam à história em quadrinhos. Dentre elas desenhistas e até argumentistas.

Aqui estamos, de mangas arregaçadas, com o pensamento firme de levar avante esta iniciativa. Periodicamente V. S^a receberá o boletim “Ficção”, com artigos, opiniões e boas novas.

Solicitamos a V. S^a se é possível fazer referência em suas revistas sobre a fundação desta entidade para arrebanharmos mais elementos aficionados da história em quadrinhos. Sem mais, no momento, aproveito o ensejo para renovar os meus protestos de elevada estima e consideração.
Edson Rontani

Por fim, Aizen comentou:

No mesmo envelope, vinha o boletim a que Edson se referia e do qual reproduzimos a primeira página. É, realmente, um bom trabalho de pesquisa.



Imagem 19. Destaque ao *Ficção* na revista *Superman-BI* da EBAL, em fevereiro de 1966

O interesse do colecionador “era tamanho” em manter o contato com outros, como ele, que *Ficção* foi distribuído gratuitamente e todas as despesas tanto de impressão quanto de envio ficaram por sua conta. Depois do aparecimento da notícia na contracapa da *Superman-BI*, ele recebeu uma verdadeira enxurrada de cartas solicitando o boletim.

Sua expectativa foi superada de longe. “Com este gesto pioneiro, era deslanchado um ‘movimento’ que alcançaria importância nos anos de 1980 no seio das publicações alternativas e que representa, ainda hoje, o único espaço de reflexão sobre os quadrinhos e a oportunidade de lançamento de novos autores”, escreveu em 1995 Henrique Magalhães, principal estudioso do tema no Brasil.

O editor piracicabano teria uma gratidão eterna pelo fundador da Ebal por esse gesto de tamanha acolhida da publicação. Centenas de cartas lhe foram enviadas de todo país em busca de um exemplar do seu jornalzinho. “Foi uma chubarada de cartas de todas as partes do Brasil. Eu estava realizado, como peixinho dentro da água. Eu pensava que o único louco do mundo era eu. Estava enganado.”

Depois de esgotados os 300 primeiros exemplares do *Ficção*, foram tiradas novas cópias, pois o estêncil possibilitava ser guardado e reaproveitado – cada matriz permitia até mil reproduções com a mesma qualidade de impressão, apesar da trabalhadeira.

Como agradecimento, em 1985, Edson escreveu que “o senhor Adolfo Aizen, patrono do Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond, muito nos ajudou nesse empreendimento. Publicava todas as cartas que lhe enviávamos. E, aos poucos, fomos conhecendo centenas de gibizeiros. Conseguimos catalogar milhares de nomes de colecionadores. Muitos deixaram de colecionar, mas grande número ainda continua firme”.

A relação de Edson com Aizen seria mais próxima ainda nos anos seguintes ao lançamento do *Ficção*, e pelo resto da vida do editor, que morreria em 1991, aos 84 anos de idade. Foi uma amizade tão cordial que, em 1968, ele recusou um convite do fundador da Ebal para trabalhar no departamento de produção das revistas em quadrinhos da editora carioca.

Nada poderia interessar tanto ao piracicabano, mas as obri-

gações familiares e o emprego seguro pesaram mais na decisão. No ano seguinte, depois de mais de duas décadas como leitor dos gibis da empresa, ele finalmente conseguiu ir ao Rio de Janeiro para conhecer pessoalmente Aizen e sua fábrica de sonhos de crianças, adolescentes e adultos de todo o Brasil.

O criador do *Ficção* passou um dia inesquecível com ele. Fizeram um passeio pelo prédio de três andares e no parque gráfico da Rua General Almérico de Moura, 320, São Cristóvão, em frente ao estádio do Vasco da Gama. Os dois almoçaram juntos e o fã voltou para casa com uma mala cheia de gibis novinhos de presente.

De volta ao primeiro número do *Ficção*, a demanda muito acima da expectativa, no entanto, acabou por criar uma série de transtornos para Edson – além da despesa de impressão, envelope e postagem nos Correios. Ao mesmo tempo em que tinha a obrigação de trabalhar para garantir o sustento da família, precisava escrever, editar e imprimir os números seguintes do seu jornalzinho pelo mesmo sistema precário o mimeógrafo a tinta.

Como se tornara ainda mais difícil trabalhar com a máquina, que apresentava problemas mais complexos, em 1966 ele comprou um duplicador a álcool, o que facilitou a impressão, inclusive dava a possibilidade de imprimir colorido, pois havia estêncil em quatro tons diferentes – azul, vermelho, verde e preto. Desse modo, em apenas um fim de semana se tornou possível imprimir, separar as páginas e grampear toda a tiragem. Nesses momentos, o cheiro adocicado e embriagante do álcool tomava conta de toda a casa.

A Henrique Magalhães, ele lembrou que o *Ficção* acabou por ocupar um espaço importante na rotina de muitos colecionadores porque não havia interesse das editoras de quadrinhos na formação do leitor, com a inclusão em suas revistas de reportagens e entrevistas com os autores das histórias – quem chegava um pouco perto disso era somente a Ebal. “Pode pegar qualquer gibi dos anos anteriores ao meado da década de 1960 e veja se havia

algum comentário sobre desenhistas, roteiristas, mesmo personagens de quadrinhos. Nada, nada”.

O mesmo acontecia na chamada grande imprensa, feita nas grandes capitais brasileiras. “Jornais, então, de São Paulo ou do Rio de Janeiro até parecia que eram proibidos de noticiar alguma coisa, ou melhor, tecer comentários sobre os quadrinhos. Essas publicações achavam também que os gibis não eram para (os seus leitores) adultos, embora publicassem todos os dias”, observou.

Desde o começo, Edson estabeleceu o formato informativo de fanzine que seria seguido por dezenas de editores nas duas décadas seguintes, com uma ênfase maior na publicação de textos que resgatassem a memória dos quadrinhos. Apesar de ter reduzido o número de páginas para cinco a partir do número dois, com a diminuição da lista de revistas para venda, ele manteve a linha editorial de trazer textos sobre a história dos gibis, com curiosidades e perfis dos artistas.

Se não fosse seu o texto, transcrevia de outros autores – publicados em livros e revistas importados, principalmente, pois nada tinha saído em português até aquele momento, à exceção de *A Técnica do Desenho*, de Jayme Cortez, lançado em 1965. “O levantamento que fizemos sobre publicações em quadrinhos editadas de 1905 a 1965 se deu com muita dificuldade, pois tomamos por base as revistas que tínhamos em nossa coleção. Há muitas falhas. Erro em algumas”, confessou, modestamente. Mesmo assim, foi uma empreitada louvável, pois ninguém havia tentado isso até então.

No volume 2, de janeiro de 1966, anunciado agora como “boletim noticioso”, cuja primeira página trazia a capa da revista *O Lobinho* nº 1, nova fase, de maio de 1940, ele agradeceu aos leitores pela receptividade do número de estreia da publicação. E fez questão de ressaltar sua intenção de fazer um jornalzinho voltado para a nostalgia que, certamente, afetava mais os leitores

adultos nascidos nas décadas de 1920 e 1930 e o grosso dos leitores de seu fanzine.

Aquele, explicou ele, seria um boletim marcado como a “recordação das recordações”. E observou no editorial que as revistas vendidas em seu feirão serviriam apenas para cobrir as despesas e dar continuidade ao *Ficção*. Ainda nessa segunda edição, ele transcreveu uma curiosa notícia da *Folha de S. Paulo*, de 8 de dezembro de 1965: o projeto de lei apresentado pelo deputado estadual Carlos Kerlakian para criação do Prêmio Estímulo aos Estudos para os melhores alunos das escolas primárias públicas e particulares de São Paulo.

A estatueta a ser dada aos estudantes reproduziria o personagem Horácio, de Maurício de Sousa, publicado em tiras naquele momento e com sucesso no caderno infantil *Folhinha de S. Paulo*. O deputado justificou a escolha: “Essa figura é, por demais, conhecida e querida de todas as crianças que acompanham suas divertidas e educativas peripécias, o que dará grande significado e um especial colorido ao prêmio a ser concedido aos alunos”.

No mesmo número, Edson publicou um longo e interessante artigo escrito por Newton Nebel Santos sobre *A Gazeta Juvenil*, um dos tabloides pioneiros na publicação de quadrinhos no Brasil, lançado em 1929 pelo jornal paulistano *A Gazeta*, de Cásper Líbero. Ao que parece, foi o primeiro texto a recuperar a trajetória do importante suplemento, criado para a formação de novos leitores.

Do livro de Jayme Cortez, retirou o perfil que Zaé Junior escreveu de seu ídolo Alex Raymond. O editor também condensou e traduziu o artigo em espanhol “O desenvolvimento da história em quadrinhos”, do livro *La historieta mundial*, de Enrique Lipszyc, argentino que fundou em São Paulo no começo daquela década a Escola Pan-americana de Artes. Outros capítulos da mesma obra seriam aproveitados nos números seguintes.

Um texto curioso abria o volume 3, de fevereiro de 1966. Era a matéria distribuída pela agência de notícias internacional UPI e que fora reproduzida por jornais de todo o mundo, inclusive no Brasil, escrita pelo jornalista americano Dennis P. Leavy. Ele contava a história de um menino de 15 anos que havia montado uma coleção invejável de gibis avaliada em 40 mil dólares, uma respeitável fortuna na época, quando uma revista nova não passava de alguns centavos no preço.

O tema de capa dessa edição foi Tarzan, criação do escritor americano Edgar Rice Burroughs, com ensaio escrito pelo próprio Edson, fã devotado do personagem. Ainda nesse volume, Célio Matioli colaborou com o texto “História em quadrinhos, arte do século XX” – ao que parece, ajudado pelo verbete da enciclopédia Barsa.

Anunciado em destaque com tiragem de 300 exemplares, o número 4 manteve a periodicidade mensal iniciada na edição 2 e saiu em março de 1966. A primeira matéria tratava do “nascimento”, em 1934, da história em quadrinhos no Brasil, publicada originalmente no *Suplemento Juvenil*, de 1944, e reproduzida duas décadas depois no *Álbum Gigante*, da editora de Aizen.

A reportagem falava do pioneirismo de Aizen, quando lançou o *Suplemento Infantil*, em março de 1934, e deu início ao segmento editorial de quadrinhos no país. O texto seguinte completava o anterior, ao falar dos 50 anos da revista infantil *O tico-tico*, comemorados doze anos antes.

O último número a sair mensal foi o cinco, de abril de 1966, com a reprodução da capa do *Gibi Mensal* nº 34, de outubro de 1943, aquele mesmo que trazia a estreia do Capitão Marvel no Brasil e que Edson não conseguiu comprar quando chegou em sua cidade, depois de enterrar as moedinhas de sua mesada no quintal de casa. Outras sete edições seriam lançadas nos dois anos seguintes, em intervalos maiores.

O editor havia estabelecido uma espécie de clube para que os sócios assumissem o compromisso de querer as edições futuras do boletim. Essa se tornou, principalmente, uma forma de fidelizá-los, além de controlar quem receberia e levá-lo a imprimir as tiragens sem desperdícios.

Em entrevista inédita de 1991, Edson contou que a série original do *Ficção* deixou de existir em 1968. Naquele momento, não havia outro concorrente que circulasse regularmente, somente algumas experiências que começavam a ser feitas, como se verá mais adiante. Foi, sem dúvida, uma decisão dolorosa para ele. “O meu problema era imprimir, pois, para fazer um fanzine, o editor precisava saber desenhar”.

Além disso, deveria ter conhecimentos de como usar e ter um mimeógrafo, ou recorrer a uma tipografia, o que ficava caríssimo. “Por isso, o número de cartas que eu recebia diariamente já não me dava mais condição de respondê-las e atender aos pedidos de envio de exemplares. Preferi ficar com o intercâmbio de revistas, isto é, comprar, trocar e vender a fim de conseguir completar minha coleção”.

Edson voltou a ressaltar em uma entrevista de 1985 ao fanzine gaúcho *O Grupo Juvenil* que cobria mesmo as despesas do fanzine com a venda das revistas que tinha em duplicata. As mesmas que ele disponibilizou desde o primeiro número em sua famosa coluna de classificados. Tudo em nome da paixão pela sua leitura preferida. Mas sua história de editor não terminava ali.

A estrada aberta para os fanzines

Reconhecido como o pai dos fanzines no Brasil desde os anos de 1970, Edson daria muitas entrevistas ao longo dos 31 anos seguintes ao lançamento do *Ficção*. Sem jamais passar a impressão de vaidade pelo seu feito, ele repetiria sempre que não tinha conhecimento de outras publicações do gênero em níveis nacional e internacional quando resolveu fazer seu primeiro boletim.

E observou: “Se havia outras publicações semelhantes no exterior eu não sabia. Aqui em Piracicaba não chegava nada que era publicado em outros países. Até os anos de 1960, as histórias em quadrinhos ainda eram subcultura”. Ele lembrou que, na década de 1990, tudo havia mudado bastante e os quadrinhos tinham até se tornado matéria de faculdade e ganhado status de arte.

Por outro lado, Edson não demorou a descobrir que estava fazendo o primeiro fanzine brasileiro. “Logo notei que era o primeiro, sim, pois nunca ouvira comentário de que havia sido editada uma publicação no gênero. Se tivesse acontecido, qualquer movimento nesse sentido, teria sido noticiado pela seção ‘Notícias em quadrinhos’ que aparecia nas contracapas das revistas da Ebal”.

O que o levou a fazer tal trabalho também foi quando comprou um livro em espanhol, *La historieta mundial*, de Enrique Lypszyc, editado na Argentina, no início da década de 1960. “Então, achei que as histórias em quadrinhos estavam sendo valorizadas. Esse livro trazia um resumo das histórias em quadrinhos publicadas desde o seu início, apresentava uma tira diária de cada herói, com comentário abaixo sobre os nomes dos autores, data do lançamento, país etc.”.

A denominação “fanzine” ele viu pela primeira vez em uma carta de um colecionador que chamou o seu boletim assim. Isso aconteceu por volta de 1971. “Gostei da palavra, até pensei que tinha sido inventada por ele, e o meu boletim *Ficção* já não estava circulando mais. Então, resolvi lançar uma nova publicação, em 1972, impressa em mimeógrafo a álcool, chamado só *Fanzine*. Circularam cerca de oito números, com um número expressivo de páginas. Cada um comentava sobre uma revista”.



Imagem 20. O termo “fanzine” incorporado às publicações independentes

O número 1 foi dedicado a contar a história do *Gibi Mensal*. O segundo tinha como tema *O Lobinho*. E assim por diante. “Era um jornalzinho com muitas páginas, mais de 40 por edição. Cada número analisava um tipo de revista e seus heróis. No primeiro número falei somente sobre o *Gibi*, revista trissemanal de *O Globo*; no segundo número, sobre *O Lobinho* e assim por diante”. Os fanzines internacionais eram impressos em tipografias, mesmo que rústicas, de pequeno porte, naquele momento.

Em outra entrevista, acrescentou: “Eu enviava o *Ficção* para o exterior e um clube de colecionadores franceses me mandou um comentário sobre o boletim chamando-o de fanzine. Assim, resolvi adotar a nomenclatura, quando voltei a editar”. Nos anos seguintes ao fim do *Ficção*, em 1968, Edson continuou ativo como colecionador que distribuía seu catálogo de revistas para compra e venda em todo país.

Por toda os anos de 1970, manteve a listagem em edições trimestrais atualizadas que acabariam por se tornar fonte importante para se mapear os gibis que circularam no país ao longo do século XX – suas relações traziam, além do título, o nome da editora, a data de publicação e o número procurado ou oferecido. “Continuei a manter contato com os fãs de quadrinhos por meio de correspondência e, ao mesmo tempo, com trocas ou compra, adquirindo números de revistas que faltavam em minha coleção”.

Com o correr dos anos, nos anos de 1970, *Ficção* foi tão longe por causa de seu pioneirismo que acabou catalogado pela revista *Graphis*, da Suíça, como o primeiro fanzine brasileiro. Era o reconhecimento mundial de seu pioneirismo. Dois anos depois do fim da publicação, ele decidiu fazer um número especial para comemorar os 25 anos de Ebal, que tinha surgido em 1945, e homenagear seu ídolo, Adolfo Aizen.

No Brasil, depois de Edson, no Rio Grande do Sul, Oscar Christiano Kern lançou *Historieta*, por volta de 1967, denominado também de “boletim”, só que impresso em sistema “off-set”, mas sofisticado e caro, claro. Mais tarde saíram outras coleções da mesma publicação, novamente a partir do nº 1 também.

Em seguida, veio o jornalzinho *Boletim do herói*, editado por Agenor Ferreira, na cidade de Machado, interior mineiro. O primeiro volume saiu em abril de 1968, tinha apenas uma página e era feito de modo bem artesanal, com o uso de papel carbono. A publicação teve uma segunda fase durante os anos de 1978 a

1980, com 28 edições lançadas. Muitos fanzines vieram depois, nas duas décadas seguintes.

Enquanto se dedicava às artes plásticas e fazia cartuns de seu incansável Nhô Quim, Edson realizou os primeiros salões de caricaturas em sua cidade, precursores do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, criado em 1975 e que chegaria vigoroso à segunda década do século XXI. Seu nome, na verdade, esteve ligado diretamente ao fato do município se tornar a mais importante vitrine do humor gráfico brasileiro e uma referência em todo o mundo, cobiçado por milhares de artistas de humor.

O festival não existiria se, em 1974, ele não tivesse a ideia de realizar o Salão de Caricaturas de Piracicaba, na Pinacoteca Municipal. No evento, expôs não só suas próprias charges, mas a de outros caricaturistas locais, como Renato Vagner e Rudinei Bassete. A mostra levou o apelido de “O Mural”.

A importância de Edson para o cartum piracicabano foi mostrada pela primeira vez na série de álbuns *Charges*, editados por ele mesmo, em vários volumes, com os primeiros desenhos que fez para o *Diário de Piracicaba* na segunda metade da década de 1950.

No livro *A História do XV*, publicado em 1985 pelo historiador e jornalista Rocha Netto, apareceu uma série de cartuns de Nhô Quim de autoria do artista sobre os momentos mais importantes da história do clube mais querido da cidade na segunda metade do século XX.

Na coletânea *Os Quinze de Piracicaba*, editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em 2003, ele também foi lembrado. Seu pioneirismo apareceria em destaque ainda no livro *A cidade onde o peixe ri – um esboço da história do humor gráfico em Piracicaba*, que reuniu vários autores.

Em 1981, quando seu trabalho como cartunista estava consolidado e reconhecido entre os leitores dos jornais de Piracicaba, além dos torcedores do XV de Novembro, Edson criou a coluna

Você Sabia?, com curiosidades ilustradas para crianças que marcou o nascimento do novo suplemento infantil de *O Diário*.

VOCÊ SABIA?

por Edson Rontani

1933 - 1997

O DIA DE HOJE NA HISTÓRIA

1923 - ADOLF HITLER TENTA TOMAR O PODER NA ALEMANHA. NÃO TEVE SUCESSO. O EPISÓDIO FICOU CONHECIDO COMO "O GOLPE DE MUNIQUE".

1960 - JOHN KENNEDY VENCE O PLEITO PARA PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS.

1988 - GEORGE BUSH VENCEU AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NOS ESTADOS UNIDOS.

HOJE É O DIA DO RADIOLOGISTA E DIA DO URBANISMO

PIRACICABA TALVEZ SEJA A ÚNICA CIDADE DO BRASIL QUE TEM UMA RUA COM PLACAS ESCRITAS DE TRÊS FORMAS: QUINZE DE NOVOBRO, 15 DE NOVOBRO E XV DE NOVOBRO. E SÓ PERCORRÊ-LA E NOTARÁ!



O E.C. XV DE NOVOBRO COMPLETA NO PRÓXIMO SÁBADO 95 ANOS



EM 1878, QUANDO O IMPERADOR D. PEDRO II ESTEVE EM PIRACICABA, DEU UM PASSEIO DE BARCO PELO RIO PIRACICABA, DESEMBARCANDO NO CANAL TORTO.



O MERCADO MUNICIPAL DE PIRACICABA FOI INAUGURADO EM 1883, POR INDICAÇÃO DE MANUEL DE MORAES BARBOS. EM 17 DE SETEMBRO DE 1884, NO INÍCIO, O MERCADO ERA FINEA SER CONSTRUÍDO ONDE HOJE SE ACHA A CADEIA. DEPOIS NA ESQUINA DAS RUAS BEGENTE FEIJO E TIRADENTES, MAS ACABOU MESMO SENDO INSTALADO ONDE HOJE SE ENCONTRA.



NOTA: ATÉ OS ANOS 90 A CADEIA LOCAL SITUAVA-SE NO QUARTERÃO DA PINACOTECA MUNICIPAL

HORÁRIO DE VERAO



Imagem 21. Coluna de curiosidades ilustradas sob o comando de Edson Rontani

Inspirada em similares das revistas e suplementos infantis que adorava ler na infância, como da revista semanal *O tico-tico*, a página escrita e desenhada por ele combinava seus lados de ilustrador e jornalista. Em pouco tempo, o artista ficou conheci-

do como uma espécie de professor sabe tudo, que enriquecia as crianças com curiosidades sobre diversos temas – história, geografia, ciência etc.

Cada atração era formada por dois ou três quadros, que misturavam textos e ilustrações e ocupavam um terço do espaço da página, no rodapé. Esse formato durou até o ano de 1988. A partir do ano seguinte, Edson migrou sua coluna para as páginas de *O Jornalzinho*, caderno infantil do *Jornal de Piracicaba*. A partir desse momento, passou a ocupar uma página inteira toda semana. Ele ficaria na publicação até suas últimas semanas de vida, até morrer, em fevereiro de 1997.

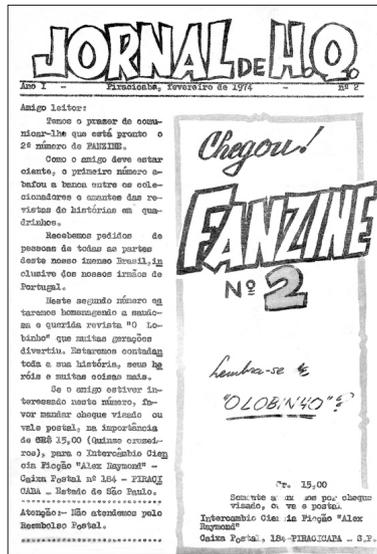
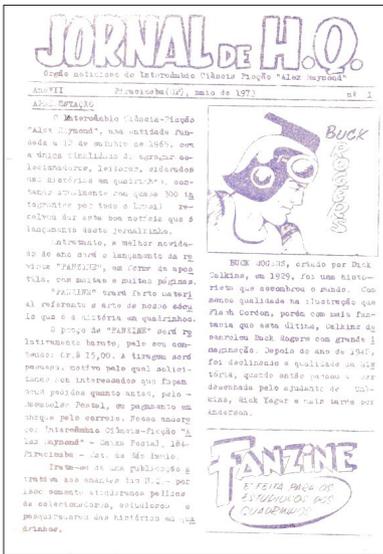
Ele trazia aos leitores curiosidades do mundo animal, das ciências e das belezas e mistério do Universo em uma época em que o homem se empenhava em chegar à Lua. Também falava de coisas antigas de Piracicaba e da região que conseguia levantar em suas pesquisas nos arquivos dos jornais ou com moradores mais velhos, que procurava para entrevistas. Sempre no esquema de fazer uma pergunta que ele mesmo respondia: “Você sabia que...”

Da experiência como editor ficaram histórias curiosas e até um caso que jamais imaginou que poderia acontecer. Em meados da década de 1970, na lista que Edson enviava aos colecionadores de revistas que tinha à venda, ele incluiu meia dúzia de exemplares da revista *Fantasma Magazine*, da Rio Gráfica e Editora (RGE). “Era um lote dos primeiros números, parece-me que eram de números 10 a 20 e 20 a 30, seis revistas dentro desses números, da década de 1950”.

Sabe o que aconteceu? “Certo dia, bateram na porta de minha casa dois senhores bem vestidos. Vieram atrás desses números. Conseguiram o meu endereço por meio da lista telefônica. Até aí tudo bem. Só que eles eram de Goiânia, Goiás, e viajaram até Piracicaba somente para comprar as revistas. Fizeram o negócio e voltaram para sua cidade. Isso era demais. Nunca vi tamanho

fanatismo por histórias do Fantasma. Pegar um avião, por causa de meia dúzia de gibis. Coisa de louco, não?”

Na mesma época, Edson lançou o *Jornal de HQ*, feito mais uma vez em duplicador a álcool, pois o sistema de xerox ainda era caro e lento. Em 1985, para comemorar o lançamento do primeiro fanzine brasileiro que completava vinte anos, ele pretendia fazer uma edição “fabulosa” de uma nova publicação, a ser lançada em 12 de outubro de 1985. “Cheguei a fazer uma boa parte da edição”.



Imagens 22 e 23. Em 1973 o Rontani lançaria ainda o *Jornal de H.Q.*

Antes do lançamento dessa edição, ele criou um periódico mensal denominado *Fanzine Rontani*. Foram editados alguns números em que, pela primeira vez, explorou a reprodução por fotocópia. O especial, no entanto, não vingou. “Embora a feitura de um fanzine pelo sistema xerox fosse de uma facilidade tremenda comparando ao que fazia em 1965 com mimeógrafo a tinta, não encontrei tempo devido aos meus afazeres. Foi uma pena,

pois a edição era uma das melhores que produzi. Um dia ainda a edito, pois os originais ainda estão por aqui”.

Da tentativa ficou uma lição. “Fazer fanzine na base de cópias xerox é uma facilidade tremenda onde mais funciona a tesoura e cola. No *Fanzine Rontani*, o meu intento era apenas reeditar artigos sobre quadrinhos publicados por jornais brasileiros”. Ele atribuiria o “bum” desses boletins na década de 1980 ao acesso à impressão barata, xerox, principalmente, maior expansão do mercado adulto de quadrinhos e ao aumento de conscientização de luta pelo quadrinho brasileiro – que encontrou nos zines uma forma importante de mobilização e luta.



Imagem 24. *Fanzine Rontani*, mais uma investida no campo editorial

Para o editor, o quadrinho nacional desempenhava grande importância nesse movimento de expansão dos fanzines. Quem havia aderido à corrente de luta para abrir espaço no mercado e, desse modo, publicar seus trabalhos em editoras profissionais ou mudar a mentalidade do segmento merecia méritos. “Entretanto, existem alguns fanzinistas que somente publicam assuntos ligados às histórias em quadrinhos atuais americanas”.

Comentar sobre heróis americanos do passado estava certo, “pois, antigamente, quase não tínhamos nada produzido aqui”. E ressaltou que esse predomínio já estava na grande imprensa, infelizmente, e com um agravante: “O mesmo acontece com as páginas sobre histórias em quadrinhos do jornal *O Estado de S. Paulo*, que somente fala de revistas e personagens que se editam em outros países que, na maioria, nem conhecemos ou nunca aparecerão em revistas de nosso País”.

Essas facilidades resultaram em uma rica experiência com incontáveis títulos por todo país. “Cada fanzine é diferente do outro. Alguns preferem comentar sobre as historietas antigas com seus heróis e super-heróis e demonstram sentimentos nostálgicos. Outros falam das histórias e dos heróis atuais. É uma variedade imensa de publicações”.

Ele observou ainda: “Acho que hoje existem centenas de fanzines que não temos condições de contar, pois, a cada dia, aparece um novo título que nem sempre tomamos conhecimento de seu surgimento. Outros editam para mostrar suas histórias em quadrinhos que não têm condições de serem publicadas por editoras profissionais, umas são ruins; outras, boas”.

Sem dúvida, Edson era um observador atento do movimento que ele havia deflagrado. “Aconteceu uma verdadeira revolução” (nos últimos dez anos). Um fanzine ideal, na sua opinião, deveria ser aquele que publicasse somente notícias e comentários sobre histórias em quadrinhos de revistas nacionais e heróis que tenham sido publicados no Brasil.

Ou seja, algo mais voltado para os fãs. “Não creio que um fanzine deva publicar histórias em quadrinhos, simplesmente. Para fazer isso, uma alternativa daqueles que não conseguem fazê-lo em periódicos, seria criar uma revista em xerox só com HQ e não em fanzine, isto é, trazer uma roupagem nesse formato. No meu

entender, fanzine é uma publicação onde se noticia, critica, elogia, comenta ou mostra heróis que desapareceram”.

Edson concordava que a partir da década de 1980 o fanzine ganhou força junto às editoras de quadrinhos. “Um fanzine até ajuda as editoras. Quando tinha o meu, as editoras mandavam notícias e até exemplares de revistas que lançavam para serem divulgadas”. Daí a necessidade de separar o zine da revista em quadrinhos alternativa. “São poucas as histórias em quadrinhos que aparecem em fanzines que poderiam ser aproveitadas pelas editoras”.

Como colecionador ativo, ele procurava adquirir a maioria dos títulos que saíam. “Uma pérola de coleção (de fanzines) para os amantes das histórias em quadrinhos é a que foi editada pelo Waldir Dâmaso – na década de 1980 – com o título de *Jornal da Gibizada*. São 20 números que merecem destaque em qualquer arquivo de colecionador. Verdadeira obra de arte. Ali tem de tudo que possa interessar a um gibizeiro”. Havia também outros títulos relevantes. “Não podemos deixar de elogiar também *O Grupo Juvenil*, *Suplemento em Quadrinhos*, *O Pica Pau*, *Fon-Fon!* e *Mocinhos e Bandidos*, outros e outros”.

Em 1996, aos 63 anos de idade, Edson se mantinha fiel às ainda incompreendidas revistas de heróis, super-heróis e outros tipos de seres fantásticos que, por toda a vida, povoaram sua fértil imaginação. Tinha orgulho de sua contribuição e de ver um amplo jardim de ideias germinado, agora em versão xerox.

Reconhecimento e partida

A experiência de comprar e vender revistas em quadrinhos que teve com o fanzine *Ficção* e outras publicações que criou nos mais de vinte anos seguintes levou Edson a formar uma das maiores e mais completas coleções de quadrinhos do Brasil. Em 30 anos, ele havia conseguido juntar cerca de 70 mil exemplares – a partir dos anos de 1940.

Em meados da década de 1995, quando esse ainda era o seu passatempo preferido, o acervo chegou a mais de 100 mil. E assim continuou até a sua morte, no dia 24 de fevereiro de 1997.

Em 1995, quando já estava com a saúde bem comprometida – e escondia dos amigos –, Henrique Magalhães lhe perguntou quais eram os seus projetos imediatos na área de quadrinhos. Edson respondeu de modo singelo que não havia “nenhum”. Explicou que nos últimos anos tinha se dedicado mais à imprensa. Escrevia artigos sobre quadrinhos e a coluna *Você sabia?*

Prolongou-se na resposta, no entanto, quando questionado sobre como via o segmento de HQ naquele momento. “O mercado de quadrinhos hoje caiu muito. Não sei se foi a televisão que influenciou ou outra coisa qualquer. As revistas em quadrinhos até a década de 1960 tinham uma tiragem, segundo informação da própria Ebal, de 65 mil exemplares, em média. E é isso que faz a gente pensar que a TV influenciou, pois foi nos anos de 1960 que os aparelhos de TV começaram a ter mais saída”.



Imagem 25. Edson Rontani nunca deixou sua paixão pelos quadrinhos

Ele contou que “quase caí de costas” quando soube que a tiragem da extinta revista *The Spirit*, da editora Abril, era de seis mil exemplares no começo da década de 1990. Sem dúvida que perto de 65 mil dos tempos da Ebal a diferença era grande. “Além disso, houve muito encalhe. O que são seis mil exemplares para um país do tamanho do nosso? O que deve ter afetado na venda da revista, ou melhor, na tiragem, foi a mudança de sistema de comércio entre as distribuidoras e as editoras”.

O fanzineiro lembrou que, por muitos anos, as distribuidoras eram obrigadas a ficar com todos os exemplares das revistas que recebia. Na década de 1980, o sistema foi modificado e isso, na sua opinião, fez toda a diferença. “Mudaram para a venda em consignação. As revistas que encalhavam eram devolvidas para a editora. Então, não era interessante para as editoras produzirem em excesso”.

Ao contrário dos gibis, ressaltou, os fanzines viveram seu auge em meados da década de 1990. Edson não acreditava que exis-

tisse uma crise de criatividade e de produção de formato naquele momento, como perguntou Henrique Magalhães. “De forma alguma existe essa crise, seja de criatividade ou de produção. Tudo o que é feito sobre revistas de HQ é realizado com muito carinho e capricho, pois trata-se de um trabalho que vem da alma. Com o advento do xerox, ou melhor, sua implantação no Brasil, facilitou-se muito a confecção dos fanzines. Hoje os materiais mais utilizados são tesoura, cola e papel. E quem tem computador então, a facilidade é muito grande”.



Imagem 26. Edição do fanzine *Top! Top!* dedicada à obra de Rontani

Nos seus últimos anos de vida, Edson sobreviveu como aposentado na função de desenhista técnico da Secretaria Estadual de Agricultura. Com o tempo de sobra, nesse período, pode finalmente se dedicar a cuidar de seus preciosos gibis. Ele faleceu em decorrência de uma diabetes letal, que minou toda a estrutura do seu corpo. “No diabético, a vascularização fica comprometida e isso impediu a circulação sanguínea na perna esquerda, que levou à amputação em 1995”, recorda Edson Rontani Junior.

Por isso, a partir de tal condição, a situação de sua saúde se complicou mais ainda. “Um mês antes de completar mais um ani-

versário, ele sofreu um derrame e, dez dias depois, faleceu por pneumonia e falência múltipla dos órgãos”. De acordo com o filho, foi um processo doloroso para todos na família. Pessoalmente, comprometeu sua firmeza no desenho. “Seus últimos trabalhos eram longos traços descontínuos”. Mesmo assim, continuou a produzir. “Desta doença e de todas as outras que teve, ele sempre procurou fugir delas, ao invés de enfrentá-las. Não gostava de médico, de injeção, de nada. Ou seja, o preventivo não existia”.



Imagem 27. Fanzine inacabado, de 1984

Artista de múltiplos talentos, Edson deixou um legado importante para a história da imprensa alternativa brasileira, além da sua valiosa coleção de revistas em quadrinhos, outro tesouro sem preço como documento histórico – mas que acabaria vendida pela família ao longo de uma década após sua morte.

No meio dos colecionadores de revistas em quadrinhos, seu nome virou lenda. Na cidade onde nasceu, cresceu, viveu e morreu, ele era um respeitado jornalista, publicitário, cartunista e artista gráfico, além de incentivador da cultura de modo geral. Para todo o Brasil, simbolizava o desbravador da imprensa dos fanzines, uma vez que o formato foi adotado por fãs de outros

gêneros como música, cinema e literatura. Sua memória seria perpetuada por vários anos – entre 2002 e 2009, o *Jornal de Piracicaba* republicou a coluna *Você Sabia?*, que ele escreveu e ilustrou entre 1983 e 1997. A coluna foi reeditada sob a coordenação de Edson Rontani Júnior.

Seis anos antes dele morrer, em fevereiro de 1991, foi anunciado que Piracicaba teria o Dia Municipal do Fanzine, em sua homenagem. O projeto de decreto legislativo foi aprovado no dia 3 daquele mês, na primeira reunião ordinária da Câmara Municipal. A data, claro, seria comemorada em 12 de outubro, mesmo dia em que ele lançou o primeiro número do *Ficção*. A iniciativa foi de autoria do vereador Pedro Cruz, do PSDB. Segundo Edson Rontani Júnior, a oficialização desta data foi muito importante para a propagação do trabalho de seu pai como pioneiro do fanzine no Brasil e para legitimar sua relevância na história do humor gráfico piracicabano.

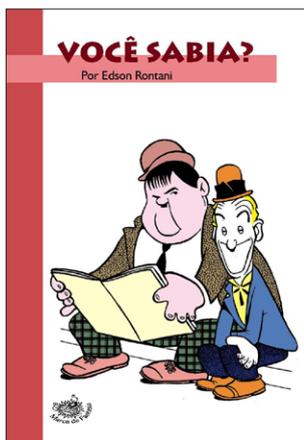


Imagem 28. O álbum *Você sabia?* reuniu as curiosidades ilustradas por Rontani

Em 2007, o cartunista e jornalista Érico San Juan, também de Piracicaba, organizou o livro *Você Sabia?*, assinado por Edson Rontani e editado por Henrique Magalhães para editora Marca

de Fantasia, de João Pessoa. Em 76 páginas, o volume trazia uma coletânea da seção de curiosidades ilustradas que saiu por uma década e meia em jornais da cidade. Érico também fez o prefácio do livro. “Nele, procuro dimensionar, dentro do espaço possível de um prefácio, a importância da obra de Rontani, que não se limitou apenas ao primeiro fanzine do Brasil”, explica o artista.

Érico defende que, de alguma forma, Edson influenciou os poucos cartunistas que há em atividade na cidade de Piracicaba nesse começo de século XXI. Inclusive ele. “E nunca recebeu um tostão para publicar sua produção de humor na imprensa local”, ressalta. Quando começou a trabalhar em jornais da cidade, nos anos de 1990, como o *Jornal de Piracicaba*, por várias vezes Érico salvou originais de charges do colega de ir para o lixo.

O cartunista recordou: “Eu guardava e mandava tudo de volta para ele”. Graças a essa atitude, sua família tem quase todos os originais de charges e páginas de suplementos infantis que ele fazia. Pelo menos do ano de 1990 em diante. “Isso permitiu que se fizessem várias exposições de trabalhos após sua morte”.

Graças ao empenho dos filhos, a memória e o legado de Edson continuaram a ser perpetuados. A partir de 2011, por exemplo, ele foi homenageado na Semana da Mobilidade de Piracicaba. Seu ainda vivo e presente mascote do XV, Nhô Quim, foi adorado como ícone da Semana da Mobilidade Urbana de Piracicaba.

O fato se repetiu nos anos seguintes. No evento, várias ações foram promovidas sobre o uso de transporte alternativos ao invés de carros, melhoria da mobilidade na cidade e implantação de políticas públicas para o setor. As lições eram ensinadas pela figura criada por Edson e tão presente na cultura local.

Na época, Miriam Rother, uma das coordenadoras da Semana, observou que Nhô Quim, mesmo desaparecido da mídia após a morte de seu criador, continuava no coração dos piracicabanos. “A escolha do personagem deve-se à empatia que o povo local

tem com este personagem tão simpático, que encarna tão bem a nossa alma piracicabana”, justificou.

Para ela, no caso da campanha de conscientização, o simpático caipira se identificava com o homem simples de sua gente, aquele que mais precisava de calçadas decentes para caminhar pela cidade, que não fosse um transtorno para crianças, idosos e portadores de deficiência. “Aquele que precisa de transporte coletivo de qualidade e barato, além daquele que necessita de segurança no uso da bicicleta para ir ao trabalho ou a escola. Este é o piracicabano que se identifica com o Nhô Quim”, completou.

Faz tempo que a vida e a obra de Edson Rontani despertaram especial interesse em estudantes de graduação e pós-graduação – em trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, teses e ensaios, principalmente nas faculdades de jornalismo. A maioria desses trabalhos acadêmicos foi realizada nos anos 1980 e 1990. Instituições como USP, Unisul, Unimep, Unipinhal e muitas outras utilizaram os trabalhos de Edson em seus estudos. Do colecionismo de quadrinhos à ação pioneira da publicidade em Piracicaba, na década de 1950, ou no fanzine criado em 1965.

E assim sua história tem sido contada. Cada vez mais. Merecidamente.

Epílogo

A vida de Oswaldo de Andrade não tomou um rumo muito diferente da que levou Edson em sua juventude e vida adulta. Grandes amigos desde a infância, ambos se tornaram advogados e jornalistas. Oswaldo, porém, ao contrário do amigo, advogou e fez carreira. E também cursou bacharelado em língua estrangeira, com especialização em inglês.

Aos 82 anos, em 2015, ele lembrou com ternura do antigo parceiro de brincadeiras e leituras de gibis. E revelou que os dois jamais abandonaram o contato, desde os tempos em que um criava gibi para o outro, na extinta e quase imaginária Editora Infantil, que fundaram quando beiravam os dez anos de idade, durante a Segunda Guerra Mundial.

O aposentado guardaria alguns momentos que revelavam a intensidade da amizade entre os dois. Alguns anos antes de morrer, Edson foi tomado pelo espírito do Natal e, na véspera de 25 de dezembro, passou sorrateiramente pela porta da casa do amigo e atirou na varanda, diante da porta fechada, algumas folhas grampeadas, que chamou de *Jornal de Ontem*.

Quando Oswaldo abriu a entrada principal no começo da manhã, deparou-se com a correspondência, que trazia uma série de textos datilografados e ilustrados em que o parceiro falava da vida dos dois e dos tempos de infância em que se conheceram. No Natal, seguinte, a brincadeira continuou e Oswaldo deu o troco na mesma moeda. Foi até a casa de Edson e jogou na varanda o jornalzinho *O Único*, com conteúdo semelhante: memórias da amizade entre os dois.

Depois de três anos seguidos, a troca de jornais – cuja tiragem era de um só exemplar – foi interrompida por um fato alheio à

vontade de ambos. No Natal de 1995, Edson estava acamado, depois de ter sido obrigado a amputar uma perna por causa da diabetes. Oswaldo respeitou a ausência do jornalzinho e não criou o seu.

Mas foi visitá-lo e, juntos, relembrou uma vida inteira que tinham passado na mesma cidade e a relação de respeito e fraternidade tinha sobrevivido na íntegra, como acontece entre dois irmãos. Edson foi embora deste mundo não muito tempo depois. Oswaldo, de vez em quando, puxa uma de suas caixas de velhos gibis guardadas embaixo da cama e tira uma para ler.

Lá dentro, seus heróis continuam intactos, mágicos, a levá-lo para um mundo e a uma época que não voltarão jamais, mas que continuam vivos e acolhedores. Ao abrir essas revistinhas, ele costuma ser tomado de emoção e volta a correr pelas ruas de Piracicaba, como o menino brincalhão e gentil que sempre fora com Edson. Sai da sua casa, na Rua Dom Pedro, em disparada, pega Edson na sua, na vizinha Rua da Boa Morte, e saem rumo à Agência Campos, na Rua Prudente de Moraes.

Um sentimento de nostalgia quase sempre toma conta dele tantas décadas depois. Não há melancolia, só a sensação de que teve uma infância feliz ao lado do amigo tão cúmplice. E tem a impressão de que viviam sem perigo, protegidos e cercados de Tarzan, Capitão Marvel, Superman, Batman, Aquaman, Tocha Humana, Fantasma e tantas outras criaturas que existiam apenas para protegê-los. Quem disse que magia não existe?

Posfácio

Li sobre Edson Rontani pela primeira vez em 1985, quando alguns fanzines que eu recebia de todo país lhe dedicaram homenagens pelos vinte anos de lançamento do primeiro número do *Ficção*. Eu fazia parte da segunda geração de fanzineiros do Brasil, aquela que surgiu na era das fotocópias como ferramenta para impressão desses jornaizinhos.

A primeira, fundada por Edson, durou por toda a década de 1970, quando predominou o uso do mimeógrafo a álcool e a óleo ou a tinta, como se dizia. Dessa leva surgiram importantes títulos, como *Na Era dos quadrinhos*, *Focalizando os quadrinhos*, *O bloquinho*, *Nostalgia dos quadrinhos* e muitos outros.

Na geração mimeógrafo, circularam também títulos com impressões mais sofisticadas, como no formato de offset de chapa de papel, muito usado em cursinhos pré-vestibulares para imprimir cadernos e apostilas com os programas das disciplinas. Destaques para *Balão*, *A mosca*, *Boca*, *Na era dos quadrinhos* (segunda série) etc.

Comecei a fazer fanzines aos dez anos de idade, em 1977. Com o mimeógrafo do meu irmão Pedro Risério, imprimi uma única página, de um só lado. Por isso, batizei a publicação com o nome de *A Folha*, *jornal noticioso do Clube Rui Barbosa*. Por que Rui? Pelo simples fato de ser o nome da rua onde morávamos, ora.

Lembro-me vagamente do seu conteúdo, pois não guardei um exemplar – a tiragem foi de 30 exemplares. Sei que falava de duas paixões minhas: revistas em quadrinhos e colecionismo de selos postais. É possível que alguma tia ou tio ainda tenha um exemplar em suas velhas caixas de cartas de família. Nunca me

lembro de perguntar a elas a respeito. Gostaria de ver como foi aquele único número lançado.

Cinco anos depois, aos 15 anos, em 1983, retomei a publicação, agora com o nome de *A Folha dos Quadrinhos*, ainda com impressão no mesmo mimeógrafo, envelhecido e enferrujado. Durou 24 números, com circulação mensal, em quatro cores e quatro páginas por edição. Depois, fiz *Jornal dos Quadrinhos, Baianada* (uma revista de humor para sacanear os paulistas que discriminam os nordestinos, chamando-os de “bairanos”), *Quadrinhos Magazine* (primeira série), *Quadrinhos Magazine* (segunda série), *Livre Cativo* e *Balloon Quadrinhos*.



Imagem 29. Número 4 do fanzine *Quadrinhos Magazine*

O último teve três números, entre 1991 e 1992, quando eu já estava na faculdade. Apesar de mais profissional editorial e graficamente, não me agradava o resultado porque não havia sintonia editorial entre os quatro estudantes que o faziam. O próprio nome não aprovei, veio de *Balão*, o famoso fanzine que lançou

Luiz Gê, Laerte e os irmãos Caruso em 1972. Era muito “cabeça”, com ensaios bem intelectualizados sobre os quadrinhos, no pior estilo do academicismo.

Por tudo isso, acho que *Quadrinhos Magazine* foi o melhor que fundei e editei porque tinha uma função ao mesmo tempo militante e informativa, além de um estilo alternativo, underground, amador, irreverente, despuadorado, digamos assim, mas sem deixar a seriedade jornalística de lado.

O QM trazia entrevistas, novidades, polêmicas até, que me custaram uma meia dúzia de desafetos. Também publiquei novos artistas que surgiam, de grande talento, como Carlos Alberto, de Natal, Rio Grande do Norte, um artista até hoje subaproveitado; e Deodato Filho, depois rebatizado de Mike Deodato. Infelizmente, o fanzine acabou no momento em que o projeto estava amadurecendo. Três números permaneceram inéditos, montados e com capas e matérias prontas – sobre Marcatti, a história da Grafipar e uma longa entrevista com Franco de Rosa.

Foi um período importante para eu me exercitar como roteirista de quadrinhos, estimulado por Antonio Cedraz, querido e saudoso amigo e irmão. Mas fiz quadrinhos autorais mesmo com Sidney Falcão. Com ele, criei “Baiano”, “Vampiros do Terceiro Mundo” e “As Bichas”. Eram personagens pensados para dar aos quadrinhos a função de levar o leitor a uma reflexão sobre os problemas sociais do país.

“Baiano” foi concebido por Sidney, sem nome, inicialmente, que nós transformamos em favelado de Salvador e se virava para não morrer de fome em uma cidade eternamente festeira, que parece em permanente estado de delírio, onde o choro das crianças famintas costuma ser abafado pela potência sonora dos trios elétricos – mais barulhentos que as turbinas de um Boeing.

A série “Vampiros do Terceiro Mundo” tentava situar o Brasil na economia global, de satirizar a política econômica externa

quando éramos um país falido, destroçado pela ditadura militar, e o FMI era o nosso síndico da massa falida – aquele sujeito nomeado pelo juiz para liquidar uma empresa quebrada.

Até mesmo a tira “As Bichas” tinha pretensão parecida, de falar do preconceito contra os homossexuais, bem mais aceitos em Salvador que na maioria dos estados brasileiros. Tanto eu quanto Sidney – um gênio dos quadrinhos, também subaproveitado, que conhece como poucos as potencialidades e os enquadramentos dessa arte – e nosso terceiro comparsa, Leônidas Greco, condenávamos o preconceito contra os gays e, por extensão, aos negros e pobres.

Não me lembrava mais desses personagens. Mas creio que a ideia ainda tem fôlego e atualidade para ser retomada, três décadas depois. Esses quadrinhos saíram na revista alternativa *Livre Cativoiro*, quando Leônidas Greco se juntou a nós e formamos um trio bem produtivo. Fizemos três números, mas só um foi impresso, porque perdi a boquinha que eu tinha na gráfica de meu antigo colégio – meu contato saiu de lá para montar sua própria empresa e não conseguimos localizá-lo.

Livre Cativoiro era uma espécie de “gibizine”, ou seja, uma revista alternativa que só trazia histórias em quadrinhos dos próprios editores. Todo o material foi escrito por mim e desenhado por Leônidas e Sidney. Como Leônidas é um excelente roteirista, ele melhorou muito o que eu escrevia. Tínhamos uma sintonia muito boa. Mas pagamos caro pelas críticas políticas e de comportamento que imprimimos às histórias.

O fanzine foi detonado por outros editores, taxado de pornográfico e boicotado por pontos de venda de publicações alternativas de Salvador. Mas valeu muito, estávamos em um momento de descobertas da adolescência: do rock internacional e nacional (que ressurgia), da boa literatura beat que a Brasiliense e a L&PM estavam editando. Líamos Charles Bukowski, John Fante,

Jack Kerouac, Karel Tchapek, William Burroughs, Jack London, Joseph Conrad e outros.

Nossa formação também se estendia ao cinema. Devorávamos os filmes do papa do surrealismo, Luís Buñuel, que chegavam ao Brasil pelo videocassete, uma novidade daquela década. E ouvimos muito Raul Seixas – bem antes dele morrer, diga-se – e Camisa de Vênus.

Nada disso teria acontecido, acredito, sem o pioneirismo desbravador de Edson Rontani. Por isso, empenhei-me em homenageá-lo com esse modesto perfil, escrito com nostalgia, amizade, respeito e ternura. E como nos velhos tempos, de forma totalmente artesanal, planejado como um fanzine, a toque de caixa e com cumplicidade do meu querido e amado amigo Henrique Magalhães, cuja parceria editorial já dura mais de 30 anos.

Agradecimentos e fontes

Para escrever este perfil, usei como base duas entrevistas longas que Edson Rontani deu para mim e para o editor Henrique Magalhães, respectivamente em 1991 e 1995. Ou seja, poucos anos antes de ele morrer. A minha permaneceu inédita até agora. A de Henrique saiu em seu fanzine *Top! Top!* em 1995.

Também usei a entrevista que ele deu ao fanzine gaúcho *O Grupo Juvenil*, de Jorge Barwinkel, de 1985. E recorri ao livro *Nhô Quim – O que seu sei*, de Edson Rontani Junior, que me foi presenteado pelo cartunista piracicabano Érico San Juan. Este, aliás, foi fundamental para a produção deste volume. Além de sacrificar um sábado seu de descanso para fazer a bela capa, ele me forneceu imagens do livro que tinha organizado, *Você sabia?*. Ele é daquelas pessoas do bem que querem ver as coisas feitas com tesão e amor, sem se preocupar em levar os louros da fama ou ganhar dinheiro com isso. A ele e a Henrique, meu muito obrigado.



Gonçalo Junior

Formado em Jornalismo e Direito, começou na imprensa como editor de fanzine nos anos 1980, tendo lançado vários números de *Quadrinhos Magazine*, *Livre Cativo* e *Balloon*. Em Salvador, fez roteiros de História em Quadrinhos para o Estúdio Cedraz bem como trabalhou nos diários *Jornal da Bahia*, *Tribuna da Bahia*, *Bahia Hoje* e na sucursal da *Gazeta Mercantil*. Em São Paulo cobriu TV e Cinema para o

caderno *Fim de Semana*, da *Gazeta Mercantil* entre 1997 e 2003. É autor de *Pais da TV* (Conrad, 2001), *Alceu Penna e as garotas do Brasil* (Cluq, 2004), *A Guerra dos gibis* (Companhia das Letras, 2004), *Claustrofobia* (com Julio Shimamoto, Devir, 2004), *Tentação à italiana* (Opera Graphica, 2005), *Biblioteca dos quadrinhos* (Opera Graphica, 2006). Organizou *Quadrinhos sujos, antologia de quadrinhos eróticos produzidos nos EUA entre 1930 e 1950* (Opera Graphica, 2005), *O mocinho do Brasil* (Laços Editora, 2009), *O beijo nos quadrinhos* (Centopéia, 2010), *Maria Erótica e o clamor do sexo* (Peixe Grande, 2010), *Alceu Penna* (Manole, 2010), *Ora, bolas* (Alameda, 2011), *A morte do grilo* (Peixe Grande, 2012), *E Benício criou a mulher* (Opera Graphica, 2012), *Natureza humana* (com Nestablo Ramos; HQM, 2012); *Um mundo de impressões* (Globo Livros, 2012), *Quem samba tem alegria* (Civilização Brasileira, 2014), *Versão brasileira: Herbert Richers* (Criativo Editora, 2014), *A noiva zumbi* (Opera Graphica, 2014), *É uma pena não viver* (Planeta, 2015). Pela Marca de Fantasia lançou em 2009 *Vida Traçada*, com perfil sobre o quadrinista Flavio Colin.



Homenagem do cartunista Bira a Edson Rontani

Gonçalo Junior

O inventor do
FANZINE

Um perfil de Edson Rontani

Há mais de 50 anos, em 12 de outubro de 1965 o advogado, contador, jornalista, cartunista e artista plástico Edson Rontani, de Piracicaba, São Paulo, então com 32 anos, lançou o boletim *Ficção*.

Tratava-se de um pequeno jornal impresso de modo precário, em mimeógrafo, dirigido a colecionadores de quadrinhos de todo o país. Rontani não conhecia o termo *fanzine*, criado nos Estados Unidos no começo da década de 1940 para definir essas artesanais “revistas de fãs”, menos ainda que seria o primeiro no Brasil a fazê-lo.

Este livro traz sua biografia intensa e nostálgica para destacar seu pioneirismo naquela que é, sem dúvida, a mais alternativa e libertária forma de imprensa no mundo. Um relato emocionante sobre os primeiros anos da indústria dos quadrinhos e os 50 anos do primeiro fanzine brasileiro.

